

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

GEANE MARY DE SOUZA VERÍSSIMO

**TECENDO E DESCORTINANDO O ENTRELAÇAMENTO DAS LINHAS E FIOS
DA ARTE DAS RENDAS DE BILROS DO ACERVO DO NUPPO/UFPB**

João Pessoa
2017

GEANE MARY DE SOUZA VERÍSSIMO

**TECENDO E DESCORTINANDO O ENTRELAÇAMENTO DAS LINHAS E FIOS
DA ARTE DAS RENDAS DE BILROS DO ACERVO DO NUPPO/UFPB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Biblioteconomia do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela.

Orientadora: Prof^a Ma. Ediane Toscano Galdino de Carvalho

João Pessoa
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V473t Veríssimo, Geane Mary de Souza.

Tecendo e descortinando o entrelaçamento das linhas e fios da arte das Rendas de Bilros do acervo do NUPPO/UFPB / Geane Mary de Souza Veríssimo. – João Pessoa, 2017.

88f.: il.

Orientadora: Prof.^a Ma. Ediane Toscano Galdino de Carvalho.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – UFPB/CCSA.

1. Rendas de Bilros. 2. Representação descritiva. 3. Cultura popular. I. Título.

UFPB/CCSA/BS

CDU: 02(043.2)

GEANE MARY DE SOUZA VERÍSSIMO

TECENDO E DESCORTINANDO O ENTRELAÇAMENTO DAS LINHAS E
FIOS DA ARTE DAS RENDAS DE BILROS DO ACERVO DO NUPPO/UEPB


*Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de
Graduação em Biblioteconomia do Centro de Ciências Sociais
Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba como requisito
parcial para obtenção do título de Bacharela em
Biblioteconomia.*

Aprovada em: 30/06/2017

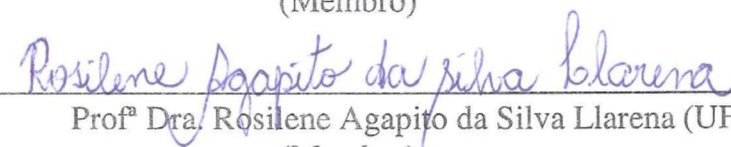
Banca Examinadora:



Prof^ª Ma. Ediane Toscano Galdino de Carvalho (UEPB)
(Orientadora)



Prof^ª Dra. Edna Gomes Pinheiro (UEPB)
(Membro)



Prof^ª Dra. Rosilene Agapito da Silva Llerena (UEPB)
(Membro)

À Deus, familiares, amigos e professores.
Dedico!

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado saúde, sabedoria e forças para superar as dificuldades e chegar até aqui.

Ao meu esposo Herick e meus filhos Heloísa e Herick Filho pelo companheirismo, compreensão e ajuda durante essa trajetória, esta conquista não é só minha, só cheguei até aqui por que de certa forma vocês sempre estiveram ao meu lado me auxiliando em todos os momentos.

Aos colegas e amigos de curso pelos momentos compartilhados, valeu a companhia durante esta trajetória.

A Universidade e professores, obrigada pelo compartilhamento de conhecimentos, o que somos reflete aquilo que aprendemos com vocês.

A minha orientadora professora Ma. Ediane Toscano Galdino de Carvalho, muito obrigada por ter aceitado o desafio de me orientar, pela compreensão, companheirismo, paciência e momentos de orientação a mim estendidos.

Aos professores da banca, responsáveis pela minha avaliação, obrigado por ter aceito esse desafio.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para minha formação e construção deste trabalho, o meu muito obrigada.

A cultura popular é um elemento constituinte básico para a formação de uma unidade nacional, oferecendo a esta uma memória a ser compartilhada e símbolos capazes de produzir um eficiente nível de coesão social. (MELO, 2003)

RESUMO

A Renda de Bilros é um importante tipo de artesanato confeccionado por rendeiras que se dedicam a preservar a cultura popular de determinada região. É considerado um tipo de documento informacional, pois é uma expressão humana constituído de sentido e de significado em forma de um registro tridimensional. Dessa forma, quando estão em um acervo merecem ser organizadas e representadas para a sua recuperação. O NUPPO é um importante núcleo de pesquisas da cultura popular localizado na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) que contém um considerável acervo de tipos de pontos de Renda de Bilros, no entanto, encontram-se sem nenhum tipo de registro representativo. Neste sentido, esta pesquisa tem como objetivo geral representar descritivamente o acervo de Rendas de Bilros do NUPPO. Para atender a este objetivo, foi necessário identificar a autoria das Rendas de Bilros do acervo do NUPPO; relacionar os tipos de pontos das Rendas de Bilros do acervo do NUPPO de acordo com suas respectivas regiões; identificar a identidade histórica das Rendas de Bilros do acervo do NUPPO; elaborar um modelo de representação descritiva baseado no Código de Catalogação AACR2. Foi adotado um procedimento metodológico baseado na pesquisa exploratória, descritiva, bibliográfica e documental na perspectiva de uma aplicabilidade com abordagem qualitativa. Foram identificados noventa e dois tipos de pontos da renda, no entanto, foi escolhido para a amostragem 16 peças, aos quais foram descritos e catalogados. Propõe-se ainda a realização de uma biblioteca virtual do acervo das rendas de Bilros do NUPPO. Esta pesquisa contribui para a preservação do patrimônio da UFPB e da cultura popular, especialmente da Paraíba, por ser as rendas de Bilros uma arte que agrega valores incalculáveis as peças, sendo uma arte manual reconhecida pelas pessoas que enxergam e valorizam a cultura popular e regional. O NUPPO, enquanto representante de parte do acervo de Rendas de Bilros existente no mundo, resguarda pontos desenvolvidos pelas rendeiras a partir das práticas por elas adquiridas ao longo dos anos, contribuindo para uma cultura ímpar.

Palavras-chave: Rendas de Bilros. Representação descritiva. Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular (NUPPO)/UFPB.

ABSTRACT

Bobbin lace is an important kind of handicraft elaborated by lacemakers that are dedicated to preserve the popular culture of a determined region. It is considered a type of information document because it is a human expression constituted of meaning and significance in a tridimensional register. This way, when they are in a collection, they deserve to be organized and represented for its recuperation. The NUPPO is an important research nucleus about popular culture situated in the Federal University of Paraíba (UFPB), which contains a considerable collection of types of points of bobbin lace. However, they are with no one representative record. In this sense, the main objective of this research is to represent descriptively the collection of Bobbin Lace of the NUPPO. To reach this objective, it was needed to identify the authorship of the Bobbin Laces of the NUPPO collection; to relate the types of points of Bobbin Laces of the NUPPO collection according to their respective regions; to identify the historical identity of the Bobbin Laces of the NUPPO collection; to elaborate a model of descriptive representation based on the Cataloguing Code AACR2. It was adopted a methodological procedure based on exploratory, descriptive, bibliographic and document research in a perspective of an applicability with qualitative approach. They were identified 92 types of points of bobbin laces. However, they were chosen 16 of them for the sample, which were described and catalogued. It is also proposed the creation of a virtual library of the collection of Bobbin Laces of the NUPPO. This research contributes for the preservation of the UFPB patrimony and of the popular culture, especially the one from Paraíba, once bobbin lace is an art that aggregates incalculable values to the pieces, being a manual art recognized by the people who see and value the popular and regional culture. The NUPPO, as a representative of part of the collection of Bobbin Laces in the world, guards points developed by the lacemakers from the practices acquired by them along the years, contributing for a unique culture.

Keywords: Bobbin Lace. Descriptive Representation. Nucleus of Research and Documentation of the Popular Culture (NUPPO/UFPB).

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Almofada.....	39
Figura 2	- Suportes de almofadas.....	41
Figura 3	- Almofada montada no suporte.....	42
Figura 4	- Bilros de sementes, cocos, marfim e madeira.....	43
Figura 5	- Papelão preparado com furos e desenho da trama e o furador do pique.....	45
Figura 6	- Preparação dos fios e linhas e sua aplicação.....	47
Figura 7	- Espinhos de mandacaru e alfinetes de metal.....	48
Figura 8	- Ponto Torção Simples ou Torcidinho.....	53
Figura 9	- Ponto Trança.....	54
Figura 10	- Ponto Traça.....	55
Figura 11	- Ponto Solto.....	56
Figura 12	- Ponto Cordão.....	59
Figura 13	- Os pontos das Rendas de Bilros existentes no acervo do NUPPO/UFPB....	66

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Nomenclaturas das Rendas de Bilros e seus respectivos países.....	27
Quadro 2 - Regiões produtoras das Rendas de Bilros em Portugal.....	29
Quadro 3 - As Rendas de Bilros de Portugal e seus padrões tradicionais.....	30
Quadro 4 - Rendas de Bilros das regiões de Portugal e suas variáveis.....	32
Quadro 5 - Nomenclaturas das Rendas de Bilros no Brasil e suas regiões.....	34
Quadro 6 - Distribuição das Rendas de Bilros no Brasil por região e relevância.....	34
Quadro 7 - Distribuição das Rendas, bordados e artesanato no Brasil.....	35
Quadro 8 - Caracterização da almofada.....	40
Quadro 9 - Caracterização dos bilros.....	44
Quadro 10 - Caracterização do pique.....	46
Quadro 11 - Fios e linhas.....	47
Quadro 12 - Os alfinetes.....	49
Quadro 13 - Caracterização de acessórios das Rendas de Bilros no Brasil.....	50
Quadro 14 - Ponto Traça da Renda de Bilros no Brasil e exterior.....	54
Quadro 15 - Variedade do ponto Traça da Renda de Bilros no Brasil e exterior.....	55
Quadro 16 - Denominações de <i>pano</i> para a Renda de Bilros no Brasil e exterior.....	56
Quadro 17 - Tipos de pontos e fundos de retículas para a Renda de Bilros no Brasil e exterior.....	58
Quadro 18 - Nomes populares dos padrões das Rendas de Bilros da Coleção Luiza Ramos no Brasil.....	61
Quadro 19 - Variáveis dos padrões das Rendas de Bilros da Coleção Luiza Ramos.....	63
Quadro 20 - Renda sobancelha.....	72
Quadro 21 - Nomenclatura desconhecida.....	72
Quadro 22 - Renda Quitéria, balança.....	73
Quadro 23 - Renda Quitéria.....	73
Quadro 24 - Renda bico rico ou ponta-de-ouro.....	74
Quadro 25 - Renda jasmim.....	74
Quadro 26 - Nomenclatura desconhecida.....	75
Quadro 27 - Renda pé de anjo.....	75
Quadro 28 - Renda quatro dados.....	76
Quadro 29 - Renda miolo ou coroinha.....	76
Quadro 30 - Renda bico do A.....	77

Quadro 31 - Nomenclatura desconhecida.....	77
Quadro 32 - Nomenclatura desconhecida.....	78
Quadro 33 - Renda galo doido.....	78
Quadro 34 - Nomenclatura desconhecida.....	79
Quadro 35 - Renda miss.....	79

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	ENTRE FIOS E LINHAS DA ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA.....	15
3	A ARTE DE BORDAR COMO AÇÃO DA CULTURA POPULAR.....	18
4	DAS TRAMAS RICAS EM DETALHES DA RENDA À RENDA DE BILROS.....	22
4.1	As Rendas de Bilros em Portugal.....	27
4.2	As Rendas de Bilros no Brasil.....	33
5	CONFECÇÃO DAS RENDAS DE BILROS.....	38
5.1	A almofada.....	38
5.2	Suporte de almofada.....	41
5.3	Os Bilros.....	42
5.4	O Pique.....	45
5.5	Os fios e as linhas.....	46
5.6	Os Alfinetes.....	48
6	TIPOS DE PONTOS DAS RENDAS DE BILROS.....	52
6.1	Ponto Torção Simples ou Torcidinho.....	52
6.2	Ponto Trança.....	53
6.3	Ponto Traça.....	54
6.4	Ponto Solto.....	56
6.5	Ponto Cordão.....	59
7	O ACERVO DAS RENDAS DE BILROS DO NUPPO / UFPB.....	65
8	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	67
9	ORGANIZAÇÃO E COLETA DE DADOS.....	69
9.1	Representação Descritiva das Rendas de Bilros do NUPPO – UFPB.....	71
10	TECENDO ANÁLISES DAS TRAMAS DAS RENDAS DE BILROS.....	80
11	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
	REFERÊNCIAS.....	84
	APÊNDICE A - Solicitação do uso de imagens das rendas de bilros do NUPPO - UFPB.....	86
	APÊNDICE B - Solicitação de entrevista.....	87
	APÊNDICE C - Entrevista.....	88

1 INTRODUÇÃO

A cultura de um povo pode ser pesquisada a partir dos registros de determinado grupo social, nesse sentido, as rendas de Bilros são objetos da cultura popular que traz em seu contexto informações de momentos concernentes ao tempo de sua criação. É importante que cada tipo de renda seja identificado a partir de sua representação no sentido de poder recuperar as informações referentes a cada tipo de renda e desfrutar da beleza desta arte.

Nesta perspectiva, pode-se caracterizar as Rendas de Bilros como um objeto informacional e, por conseguinte ao estar em forma de acervo informacional, merece ser organizado e representado para a sua recuperação. Esta concepção de considerar as Rendas de Bilros como objeto informacional, advém das ideias de Paul Otlet, ao definir uma nova área a Documentação, abordando a concepção de que deveria se respeitar qualquer objeto que tenham como objetivo fornecer informação útil.

Na mesma direção de Paul Otlet, Suzanne Briet, desenvolveu técnicas de organização de vários tipos de documentos na Bibliotheque Nationale de Paris em 1924, em especial regras de catalogação.

McGarry (1999) considera que a informação deve ser ordenada e estruturada com vistas a torná-la útil. Neste sentido, o tratamento informacional passa a partir destas novas perspectivas para novos processos, onde a representação é realizada no sentido de possibilitar uma recuperação relevante.

O processo de representação informacional das rendas de Bilros perpassa pelo processo de um estudo histórico da cultura das rendeiras e do bordado.

Atualmente as Rendas de Bilros constitui-se como um tipo de bordado que está sendo cada vez mais difícil de serem encontradas pessoas que tem o ofício dessa arte, considerando-se que os artefatos manuais no tempo da pós-modernidade, está cada vez mais globalizado, anulando assim o caráter identitário e etnográfico das culturas populares um objeto de valor para a cultura popular. A necessidade de preservar o trabalho das rendeiras e sua importância, parte da riqueza de detalhes ao qual a renda de Bilros apresenta em sua composição.

Dessa forma, para que haja a preservação histórica desta arte, faz necessário que os vários tipos de rendas estejam organizadas em um ambiente informacional adequado. Na Universidade Federal da Paraíba, o Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular contempla vários tipos de objetos da cultura popular, dentre eles, encontra-se as Rendas de Bilros, no entanto, estão sem identificação, o que dificulta a sua recuperação e disseminação.

Neste sentido, faz-se necessário representá-las descritivamente, possibilitando preservar, recuperar e disseminar parte da história cultural deste bordado.

Diante do exposto, elabora-se a seguinte questão: De que forma o acervo das Rendas de Bilros do NUPPO pode ser representado descritivamente?

Este questionamento reflete como objetivo geral: Representar descritivamente o acervo de Rendas de Bilros do NUPPO. Como consequência, para atender ao objetivo geral foi elaborado como objetivos específicos: identificar a autoria das Rendas de Bilros do acervo do NUPPO; relacionar os pontos das Rendas de Bilros do acervo do NUPPO de acordo com suas respectivas regiões; identificar a identidade histórica das Rendas de Bilros do acervo do NUPPO; elaborar um modelo de representação descritiva baseado no Código de Catalogação AACR2.

Esta pesquisa é importante para a área da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, pois aborda a representação descritiva da informação como uma atividade intrínseca da organização do conhecimento, contemplando as Rendas de Bilros como um objeto informacional tridimensional e que pode ser instrumento de pesquisa na área.

Os objetos tridimensionais tiveram uma atenção especial na elaboração de técnicas de representação, após Paul Otlet identificar outras formas documentárias, criando a documentação. Corroborando com esta afirmação, Briet (2016, p. 5), discípula de Paul Otlet, diz que a “pesquisa científica se estende às unidades documentárias de toda espécie: documentos iconográficos, metálicos, monumentais, megalíticos, fotográficos e transmitidos por rádio e televisão”. Esta visão revolucionária para a década de 50 foi fundamental para o que atualmente verificamos em termos de concepção do que é um objeto informacional. Pesquisar sobre a representação das Rendas de Bilros abre um leque para outras áreas como a sociologia e antropologia visto ser um objeto de cultura popular.

A escolha pela temática se deu pelo fato da realização de um trabalho da disciplina Representação Descritiva da Informação no acervo do NUPPO, quando percebi a riqueza histórica e cultural das amostras das rendas e entremeios expostos, porém sem identificação, instigando a realizar uma pesquisa além da origem histórica, as suas características descritivas. Então aceitei o desafio da minha orientadora, quando me fez entender que esta temática é inédita e que a contribuição para a área será significativa com possibilidade de abranger a pesquisa para uma pós-graduação em áreas que extrapolam a Biblioteconomia e a Ciência da Informação.

2 ENTRE FIOS E LINHAS DA ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA

A organização no sentido de ordenação, estudada a partir de bases epistemológicas, só é possível porque no início das civilizações o homem já se utilizava de recursos que pudesse representar a sua realidade ou o seu cotidiano, tendo como exemplo, a criação de pinturas rupestres. Ao longo de tantas pesquisas pode-se identificar as variações da organização, ou seja, organização da informação e organização do conhecimento.

Nas áreas da Documentação, Biblioteconomia, Arquivologia e Ciência da Informação, existem várias definições para o termo informação e conhecimento, pois são vistos por diversas perspectivas. Para os vários contextos explícitos sobre estes termos, Lima e Alvarez (2012) diz as conceituações são resultados de reflexões controversas. No entanto, não é pretensão desta pesquisa identificar os vários contextos epistemológicos, mas trilhar um caminho a partir de uma perspectiva. Dessa forma, pode-se dizer segundo Currás (2010) que informação é a razão primeira para produzir conhecimento, complementando, Le Coadic (2004) considera informação como conhecimento registrado em qualquer forma que pode transmitir uma mensagem em um suporte temporal-espacial. Com relação ao conhecimento, Lima e Alvarez (2012) consegue fazer uma conjunção de vários contextos ao considerar “tanto a significação do processo individual e mental quanto de um conjunto de saberes que se desenvolvem e evoluem continuamente e que são socializados em uma área, uma ciência ou um domínio da atividade humana”. Neste sentido, organizar a informação e o conhecimento perpassa por contextos interdisciplinares pois trabalha com elementos descritivos e de conteúdos. Seguindo este mesmo pensamento, Hjørland (2008) ao estudar essas terminologias, verifica que apesar de serem tratados de formas diferentes por vários estudiosos, são necessariamente intercambiáveis.

A necessidade de recuperar a informação e o conhecimento propicia a construção de algo representativo que estabeleça a relação entre o objeto e o que está sendo recuperado, surgindo o termo representação.

Kobashi (1996) associa aspectos descritivos para a identificação material do documento, ou seja, a catalogação e ao processo de elaboração de conteúdo, ou seja, a indexação. Segundo McGarry (1999), a representação necessita ser ordenada de alguma forma, a fim de possibilitar a compreensão da informação, ou seja, torna-se uma ponte de acesso entre informação e usuário por identificar os elementos essenciais e complementares necessários para uma representação documental.

Para esta pesquisa, a abordagem que terá uma dimensão aprofundada é a representação descritiva, pois é vista como um conjunto de informações extraídas de determinado documento ou objeto a fazer a intermediação do assunto tratado com o usuário, contribuindo para a disseminação e recuperação da informação, desde que haja embasamento e cautela. Sanz Casado (1994), traz a necessidade de recuperação da informação em relação com o usuário que implica a necessidade de representar a informação.

El usuario de información se define como aquel individuo que necesita información para el desarrollo de sus actividades. Según esta definición, todos los seres humanos somos usuarios de información puesto que todos la necesitamos para llevar a cabo alguna de las múltiples tareas que realizamos diariamente. Sin embargo, con el fin de aclarar la actitud de los usuarios ante la información. Se han dividido a estos en dos grandes grupos: usuarios potenciales, que son aquellos que necesitan información para el desarrollo de sus actividades, pero no son conscientes de ello, por lo tanto, no expresan sus necesidades, y, usuarios reales, son aquellos que no solo son conscientes que necesitan la información sino que la utilizan frecuentemente (SANZ CASADO (1994, p. 19).

Todas as pessoas são usuárias e disseminadoras da informação, dependentes dela para o desempenho de suas funções diariamente, mas que o uso da informação pelo usuário abrange **usuários potenciais** e **usuários reais**. Os usuários potenciais fazem uso da informação sem a consciência que necessitam fazendo uso dela involuntariamente, enquanto os usuários reais são conscientes do uso da informação e portadores de responsabilidade. Como apontado, embora a informação seja essencial para o desenvolvimento do conhecimento, necessita ser tratada com responsabilidade a fim de manter sua integridade e disseminação. Para isto, se faz necessário organizar a informação de forma coerente ao entendimento do usuário, como forma de representação e armazenamento de documentos a partir de dados extraídos do objeto representado, de modo que o usuário compreenda sua identificação no momento da leitura/pesquisa.

A representação descritiva na área da biblioteconomia é pautada em padrões capazes de fornecer subsídios para uma uniformidade, ordenação e recuperação eficiente e eficaz a partir de dados específicos do objeto representado. Um desses padrões mais utilizados é o Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR) - *Anglo-American Cataloging Rules (AACR)*, criado em 1967 a partir de iniciativas internacionais como resposta ao Controle Bibliográfico Universal, foi criado baseado no ISBD. (MEY, 1995). Apesar de ser um instrumento utilizado por catalogadores bastante antigo, ainda serve como modelo base para outras regras de catalogação como é o caso do Resource Description e Access (RDA) que

surgiu da necessidade de ampliar a quantidade de dados a serem descritos e recuperados devido as novas tecnologias digitais e outros ambientes de informação.

A RDA é baseada nos modelos conceituais da Requisitos funcionais para registros bibliográficos (FRBR) e Requisitos funcionais de Autoridade Dados (FRAD). Segundo Silva (2013) “O modelo conceitual Functional Requirements for Bibliographic Records (FRBR) e a norma de catalogação RDA que o utiliza incluem novas possibilidades, inexistentes na época em que o código AACR2 foi concebido”. Mey (2009 p.7) ressalta que FRBR é um modelo conceitual e não um código de catalogação, contém bases conceituais utilizadas para o aprimoramento de regras e formatos de catalogação.

Oliver (2011, p.57) diz que a RDA tem no usuário o seu principal ponto central. A RDA no Brasil está sendo incorporada em bibliotecas e outras unidades de informações, no entanto, o AACR ainda é predominante.

Outro instrumento normalizador criado na área da descrição dos dados foi o *Machine Readable Cataloging* (MARC) que é uma forma de catalogação legível por computador, sendo uma maneira de poder identificar e interpretar os dados descritivos o documento pelo computador a partir do registro catalográfico.

Estes instrumentos normalizadores fundamentam a representação descritiva da informação e do conhecimento, reforçando ainda mais a importância de preservação a partir da organização da informação e do conhecimento.

3 A ARTE DE BORDAR COMO AÇÃO DA CULTURA POPULAR

A arte de bordar contribuiu para criações singulares e de valores para a cultura popular. De acordo com Borba (2006, p.158) a arte advém da pré-história, quando o homem sentiu necessidade e produziu o *machado* como instrumento de trabalho, dando início a cultura artística do mundo a partir do formato por ele desenvolvido, margeando para novas criações. Ela também afirma que:

A arte deriva da contribuição de todos e possui raízes, isto é, profundidade e caráter inconfundível que circulam em todos os níveis: do aristocrata ao plebeu, do letrado ao analfabeto. A arte erudita e a popular tiveram a mesma herança histórica. Por isso não se deve enaltecer uma forma, em detrimento da outra (BORBA, 2006, p. 158).

Torna-se evidente que a arte formou-se a partir da vivência das pessoas em seu cotidiano natural estendendo-se a todas as classes sociais que juntas construíram involuntariamente a arte a partir de seus princípios. A arte encontra na cultura contribuição para sua construção marcando a época de sua criação a partir de registros elaborados por pesquisadores ou mesmo seus artesãos com peças e conhecimento vivido que perpassa gerações.

A produção da arte manual é definida como artesanato, produzido a partir de elementos naturais ou adaptações com materiais, pode ser entendido como:

[...] uma das múltiplas manifestações culturais do homem, pois as raízes do trabalho artesanal prevalecem e conservam o seu caráter de originalidade, embora acrescidas de outras criatividades. A atividade artesanal apresenta-se, também, como alternativa econômica de vários efeitos sociais, Porque nela se dá a mobilização e o engajamento de grandes contingentes de mão de obra ociosa e sem qualificação profissional. Para isso é bastante aproveitar-se a matéria-prima acessível e a habilidade do artesão que vai canalizar o seu impulso criativo para a realização de sua obra (BORBA, 2006, p. 160).

O trabalho artesanal pode ser realizado em: “cerâmica, madeira, couro, **fios e linhas**, fibras vegetais, metal e funilaria, papel e papelão, brinquedo popular, edificação e habitação, farmacopéia e alimento popular” segundo afirmação de Borba (2006, p. 164).

A partir desta visão, o bordado é considerado uma arte de feitiço singular que faz uso de fios e linhas na confecção de suas tramas.

Considerado uma arte, o bordado surge a partir do antepassado da renda, sendo confeccionado sobre tecido e fazendo uso de agulha com fios/linhas sobre um fundo de tecido para ornamentar tecidos. Seu surgimento dá-se pela necessidade de ornar tecidos formando estampas e enriquecendo as vestes de uma forma geral. Inicialmente, as linhas utilizadas eram

de algodão, tendo evoluído e alcançado uma diversidade de estilos e acabamentos ao longo dos tempos, contribuindo com o acabamento do bordado até os dias atuais.

O bordado nasceu da ideia de ornamentar o tecido, por meio de uma agulha com fios. O primeiro fio empregado foi de lã, vindo em seguida o linho, o algodão e até o cabelo, o ouro e a prata. A seda, o “fio divino” dos chineses veio por último, parecendo ter chegado a Roma no tempo de Júlio César (RAMOS; RAMOS, 1948, p. 9).

Mediante o exposto acima, o bordado é evidenciado como uma arte que adquiriu requinte mediante aprimoramento adquirido pela diversidade de materiais empregados, abrangendo desde o fio de lã que é natural até fios nobres como ouro, prata e seda que proporcionam acabamento requintado para peças especiais.

Ramos e Ramos (1948) ressaltam também que os povos primitivos faziam uso de plumas e contas que podem ser considerados uma modalidade de bordado, antecedendo o emprego do tecido. Os povos Egípcios faziam uso de pérola e vidro colorido em seus bordados, a Espanha utilizava ouro no tecido de veludo, o que atenta ao conceito de que cada estilo de bordado possui personalidade própria.

A diversidade adquirida pelo bordado parte do uso de matérias-primas e costumes locais, que ao serem introduzidas como um tipo de bordado enaltecem os tecidos com beleza e valores, demarcando regiões.

Do bordado também surgiu a renda, a partir dos recortes dados entre os pontos elaborados, cuja transição ocorreu a partir do ponto italiano denominado *punto in aere*, fazendo uso de linhas aplicadas em tramas soltas, aderindo mais tarde as nomenclaturas trina, pizzo e merlo, que passou a ser merletto.

O bordado é uma arte produzida a partir de elementos do cotidiano de um povo, dessa forma, é uma manifestação artesanal da cultura popular.

Ao produzir elementos necessários à sua sobrevivência, a partir de criações, crenças e atitudes, o homem realiza uma ação cultural, onde a arte se espelha, fortifica-se e atinge diferentes graus, isto porque “a arte é sempre fruto de uma época”. (BORBA, 2006, p. 158). Torna-se evidente que o cotidiano da população e sua evolução formam a base para a cultura, que se caracteriza como:

- **Cultura de massa** - abrangente a população de uma forma geral, não específica grupo abrangente ou camada social.
- **Cultura erudita** - formada a partir da organização está presente em livros, revistas, jornais e televisão, por exemplo, abrangendo todas as áreas do conhecimento e distribuindo cultura em formatos diferenciados.

- **Cultura popular** – considerada a mais comum, tem em sua construção a vivência humana e seus afazeres cotidianos como contribuição espontânea.

Segundo Borba (2006, p. 159), “A cultura é dinâmica, por isso permanece sempre viva, embora sofra transformações naturais decorrentes do processo evolutivo”. Borba evidencia que o tempo e fatores novos não conseguem apagar ou mudar a cultura construída, porque ela marca seu território. A existência da Cultura Popular advém do conhecimento popular por ela recuperado pelas manifestações populares construindo parte da história do artesanato manual, disseminando informações de uma época para as gerações futuras, e contribuindo para o enriquecimento cultural.

Em uma abordagem que relaciona a cultura popular com a cultura do excluído, Canclini (1989, 289), faz uma contradição do popular inserido no contexto da modernidade e coloca alguns termos em relação ao seu oposto e conclui que sempre a história do popular esteve relacionada com a história dos excluídos que não têm patrimônio ou não conseguem que ele seja reconhecido ou conservado, ou seja, a cultura popular é relegada pela história.

Corroborando com este pensamento, Le Goff (2003) ao enfatizar a cultura popular, busca unir-se ao contexto da Nova História, enfatizando que o processo histórico também é constituído de fatos e objetos que estão negligenciados pela história. Os iluministas também consideravam que os processos culturais eram restritos às elites.

Neste sentido, a cultura popular vislumbra um espaço que busca apoio nos processos culturais considerando que tudo que se é registrado é grandiloquente e merece atenção no contexto histórico. A preservação da cultura deve ser uma constante, elevando sua importância e crescimento como parte de um ciclo a ser vivenciada, por ser a base para a construção da identidade humana.

Assim, as Rendas de Bilros podem ser entendidas como uma manifestação da cultura popular e que por conseguinte muitas vezes relegada da história. Sua evolução desenvolveu-se de forma irregular, apresentando crescimento, decadência e anulação de sua produção nas regiões produtoras. Diversos fatores contribuíram como a desvalorização da arte acrescida da produção mecânica que supria uma demanda maior a baixo custo, também aplicado pelos atravessadores que abstinham as rendeiras do comércio real existente.

No âmbito da Cultura Popular, as Rendas de Bilros contribuem como um patrimônio cultural enquanto arte manual de feitiço singular que perpassa gerações e culturas diferentes sem modificações em seus materiais ou estilo, tendo evoluído na qualidade das linhas e fios utilizados e mediante a diversidade da demanda mecânica. Embora a mecanização tenha

contribuído para o aumento significativo da demanda da confecção das Rendas de Bilros e apresentando qualidade na confecção, a arte manual não perdeu sua essência, visto que as rendeiras buscam manter e disseminar sua cultura local. As rendeiras fizeram história ao longo do tempo ao tecer sua arte, identificando as particularidades de cada região e de cada tempo.

4 DAS TRAMAS RICAS EM DETALHES DA RENDA À RENDA DE BILROS

A renda foi inspirada e elaborada a partir do bordado, fez-se uso de tule e musselina como base para o seu desenvolvimento, recortando os espaços entre os bordados. Os autores Ramos e Ramos (1948, p.12), consideram a renda antiga como o bordado podendo também ser considerada antecessora a ele, visto pela existência à época do *tricot*, *crochet* e *filet* advindos do neolítico, do *frivolité* da Itália, da renda *Teneriffe*, do macramé árabe, da passamanaria, do trançado desenvolvido pelos egípcios, dentre outros.

Afirmam também que: “[...] a renda poderá ser considerada como um fio enrolado sobre si mesmo, sem fundo de tecido pré-existente, de maneira a formar, ou uma retícula simples, ou um desenho mais ou menos complexo” (RAMOS; RAMOS, 1948, p.12).

A primeira denominação para a renda na França foi *dentelle*, os italianos a chamavam de *punto de aere*, tendo sido sucedido por *trina*, *pizzo* e *merlo*, na Inglaterra *lace*, na Alemanha *Spitze*, na Espanha *encaje* e *puntilla*, e *renda* na língua portuguesa, derivando do latim *renita*.

Segundo Maia (1980, p. 24), existe duas linhas de produção de rendas, a de **agulha** e a de **bilros**, onde a **Renda de Agulha** compreende a Renda Irlandesa, também denominada Renda Renascença ou Renda Inglesa, o Labirinto ou Crivo, Filé e Rendendê especificadas a seguir:

- A renda Irlandesa, também denominada Renda Renascença e Renda Inglesa, tem como características o uso de “lacê ou fitilho” para o entrelaçamento das linhas através da agulha, fazendo uso de papel grosso como base para o alinhavo sobre o desenho delineado.
- Labirinto ou Crivo corresponde ao tecido desfiado e disposto em bastidor para arremate com linha formando o desenho da renda.
- Filé é uma renda que faz uso de rede, malha previamente preparada pelo artesão como base, cujo delineamento da renda dá-se perante o preenchimento da rede.
- Rendendê é desenvolvido a partir de tecido cortado em pequenos quadrados que alternam com o tecido formando um xadrez, preenchido com figuras geométricas, motivos de bordado, ponto de cruz, etc..

A diferença entre as rendas consiste na confecção e materiais utilizados, visto que todas são manuais e apresentam singularidades como molde de papel com desenho, delineamento da renda a mão livre a partir do desfiado do tecido e até o corte do mesmo para preenchimento posterior.

Dentre os tipos de rendas existentes, a **Renda de Bilros** segue como objeto de estudo de uma arte de reconhecimento ímpar, visto que as rendeiras mantêm a tradição da confecção das rendas a partir do aprendizado adquirido de suas mães e rendeiras afins enquanto criança, seguindo uma tradição comum à categoria até os dias atuais.

A Renda de Bilros também conhecida como renda de almofada, renda da terra e renda de birro, é mundialmente reconhecida e confeccionada com variantes de estilos, agregando valores financeiros e intelectuais diferenciados, mediante reconhecimento do trabalho das rendeiras, sendo também uma fonte para o sustento ou complemento da renda familiar. Sua execução é lenta e necessita de tempo para preparação dos materiais utilizados, seus pontos são elaborados um a um, onde cada apresenta uma técnica e graus de dificuldades diferenciados, elevando-a a uma singularidade que torna sua trama diferenciada e resistente.

Considerando que as Rendas de Bilros são pouco estudadas, esta pesquisa teve como fonte de pesquisa principal o livro: *A Renda de Bilros e sua aculturação no Brasil*, de 1948, dos autores Luiza Ramos e Arthur Ramos, cujas pesquisas abrangem todo o desenvolvimento desta arte à época, evidenciando sua importância, expansão, concentração, decadência e valorização.

A Renda de Bilros é retratada por Ramos e Ramos (1948) como uma arte elaborada por mulheres, onde os homens eram considerados aos olhos da antropologia como um agente cultural sobre as mulheres, até a necessidade de elas assumirem as bases da economia do lar através de atividades como tecelagem e fabricação de cestas, por exemplo, mediante a ausência masculina provocada por fatores externos, como a guerra ao qual eram obrigados a participar. Os autores também apresentam a história e o progresso da renda pelo mundo de sua época, considerando a diversidade de tramas, material utilizado e tonalidades utilizadas, cuja composição/elaboração da renda representava e fixava determinada geração de rendeiras, a localização do produto e influência mediante seu país de origem.

Segundo Ramos e Ramos (1948, p.19) sob o olhar de Émile-Bayard “a renda de bilros vem de fins do século XV, discutindo os autores se a sua criação é anterior ou posterior à renda de agulhas.” Esta por sua vez é elaborada a partir de fios trançados entre si, cuja era remete à do bordado ou anterior a este, por volta do fim do Século XV ou início do Século XVI para se distinguir do bordado tradicional aplicado sobre um fundo de tecido. Mediante

seu surgimento, a Renda de Bilros chamava-se *dentelles aux fuseaux* em francês, *merletti ai fuselli* ou *ai piombini*, em italiano, *bobbin-laces* em inglês, *encajes de bolillos* em espanhol e *Klöppelspitze* em alemão, como descritos por Ramos e Ramos (1948, p. 19).

Há controvérsias quanto ao surgimento da Renda de Bilros, sua época de criação e autoria, visto que sua forma de confecção desenhada por fios remete ao tricô, crochê e redes de pescas dentre outros, por exemplo, que apresentam trabalhos manuais confeccionados a partir de linhas, sem fundo de apoio e com técnicas diferenciadas não deixando de serem consideradas rendas. Existem poucos registros quanto ao surgimento das Rendas de Bilros, cujas datas são confrontadas com a de outros países ou épocas. Para os autores belgas, Flandres na Bélgica é o palco das Rendas de Bilros, mediante um quadro de 1945 que apresenta dentre seus personagens um que trabalha renda em almofada e cuja autoria tornou-se duvidosa com a publicação de livros nos anos de 1542 e 1597 cujo conteúdo não apresentava desenhos que representasse a Renda de Bilros, mas podendo ter sido introduzidas pelos artistas/negociantes belgas que estudavam pintura na Itália, no início do Século XVI. (RAMOS; RAMOS, 1948).

A referência histórica mais antiga que se conhece, às rendas de bilros, está num documento de partilha, feita em Milão, de duas irmãs, em 1493, onde se fala no italiano da época, em *uma binda lavorata a poncto de doii fuxi per uno lenzolo*, “uma faixa trabalhada a ponto de doze bilros para bordar um lençol”. Assinalariam êsses *fuxi* talvez o comêço do trabalho de rendas de bilros. Noutro documento, conservado na Biblioteca Real de Munique, há a referência que a renda de bilros foi introduzida na Alemanha no ano de 1536 por negociantes provenientes da Itália e de Veneza (RAMOS, 1948, p. 20).

Neste sentido, o reconhecimento documental da Renda de Bilros aponta o ano de 1493 para Milão, na Itália, e 1536 para Munique na Alemanha, tendo sido introduzida por italianos. Ademais, há controvérsia quanto ao surgimento da Renda de Bilros, visto que pode ter sido desenvolvida e não reconhecida anteriormente.

Outrossim, Ramos e Ramos (1948, p. 20, 21) afirma que a Renda de Bilros pode ter surgido na Itália, no final do Século XV e expandido dentro de seu país e demais adjacentes, considerando Milão e Gênova como cidades que iniciaram a confecção da Renda de Bilros, tendo sido introduzida pelas religiosas transferidas para Abruzzos. A cidade italiana de Cantu centralizou a fabricação manual das Rendas de Bilros de Milão e Gênova desenvolveu rendas do tipo *guipure*, fazendo uso dos pontos *trina* e *piombini*, elaboradas com “fios da Lombardia e sêda de Nápoles”, enquanto Milão atingiu seu ápice no Século XVII com a denominação do “*ponto de Milão*” por suas rendeiras, cuja inspiração deu-se pela renda a agulha elaborada em Veneza, ao fazer uso de tule que remete a um “*fundo de retícula de malhas hexagonais*”, com

aplicações de “*flores e folhas*” como sendo uma variedade de pontos desenvolvidos desde então.

A Itália setentrional pode ter expandido a Renda de Bilros para a Bélgica no início do Século XVI, quando manteve relações comerciais com Flandres, tendo sido introduzidas pelos artistas belgas que estudavam pintura na Itália. A região de Bruges, na Bélgica, adotara o estilo de renda *guipure* de Flandres, mantida até o Século XVII com a chegada das rendas de fundo de retícula. Dentre as Rendas de Bilros belgas, recebe destaque a renda de Malines, de mesmo nome que sua cidade de origem, cuja trama remete ao ponto de Flandres, até aderir no Século XVIII ao uso de *fundo de malhas hexagonais* e aplicação de *florinhas*.

As regiões de Auvergne, Velay e Aurillac na França possuíam o domínio da Renda de Bilros, tendo sido Gênova e Milão, responsáveis pela introdução da Renda de Bilros na região. Denominada *pasement* em seus primórdios, a Renda de Bilros era elaborada com fio de algodão, estreitas e no estilo *guipure*, tornando-a grosseira e denominada de *torchon*. Também eram elaboradas com acabamento refinado de fio de seda, ouro e prata. Em paralelo, Veneza e Alençon dominaram a França com as rendas de agulha antes da renda de bilros, cuja notoriedade fora alcançada a partir do Século XVIII com destaque para as rendas de Valenciennes, advindas de Paris e redondezas afins. No Século XIX, a produção das rendas de bilros manuais decaiu muito com a fabricação mecânica de rendas denominadas de falsas valencianas, não obtendo êxito durante tentativas de se manter no mercado à época.

Na Europa, a Renda de Bilros foi introduzida através da Itália, Bélgica e França, tendo sido posteriormente disseminada para os demais países da Europa e do mundo. No ano de 1536, Suíça e Alemanha aderiram às rendas advindas dos comerciantes de Veneza, na Itália e em meados do Século XVI, suas mulheres tinham conhecimento da Renda de Bilros. Nos países eslavos, a Renda de Bilros demorou a ser introduzida, recebendo destaque no norte da Rússia e elaborando suas peças com fio de linho nas cores azul, vermelha, branca e natural, sob as influências bizantinas e orientais.

Na Inglaterra, o chamado *ponto de Inglaterra* era elaborado em Bruxelas, na Bélgica, sendo de sua procedência as rendas *trolly* de malhas hexagonais fabricadas em Bradford e cidades pertencentes à Buckingham, cuja extinção manteve apenas a renda de Devonshire chamada *Honiton*, que imita as rendas belgas *guipure* de Flandres e *Duchesse*, também confeccionada no Japão.

A Escócia tem produção de Renda de Bilros *torchon* na região de Hamilton, a Irlanda também produziu a renda *torchon*, com predominância das rendas de *crochet*, conhecidas como a *guipure da Irlanda*.

A Dinamarca por sua vez, buscou inicialmente, inspiração nas rendas belgas de linho, no Schleswig, passando em seguida pelo uso do algodão e perdendo aos poucos a qualidade das rendas chegando a sua extinção.

Na Suécia, o convento de Wadstena produzia rendas em fios de ouro e prata, perdendo espaço para a renda *torchon* de estilo guipure e estreita, também produzida na região de Ersgeberge, Tcheco-eslováquia por rendeiras de uma comunidade muito pobre que conviviam e concorriam com a mecanização de rendas suíças, em sua maioria.

A Espanha fortaleceu a produção da Renda de Bilros através dos conventos que já desenvolviam a arte do bordado e da renda para fins religiosos, recebendo destaque as rendas *las blondas*, confeccionadas na Catalunha e a *moresse*, cuja lenda a associa aos mouros convertidos para o cristianismo.

As rendas *las blondas* são tradicionais na Espanha e derivadas das *blondes francesas*, tendo sido usadas para a confecção de mantilhas nas cores branca e negra, sendo prejudicadas com o início da mecanização das peças e de chapéus femininos que passaram a substituir as mantilhas provocando o declínio deste tipo de renda espanhola.

As Renda de Bilros do tipo *torchon* também está entre as demais rendas desenvolvidas nas regiões espanholas, com traços semelhantes aos das rendas portuguesas, e, juntas também influenciaram em pequena escala no estilo desenvolvido no Brasil, estando citadas nas coleções de Luiza Ramos nos Estados de Alagoas e Ceará. A renda *torchon*, também era desenvolvida pelo mundo, a exemplo da Ilha de Malta, Ilha da Madeira e China, onde todos mantinham seu estilo regional, favorecendo para a demarcação de um estilo a uma época. Ademais, as Rendas de Bilros receberam nomenclaturas de acordo com seu país de origem, tendo sido denominadas por cada região e suas influências externas, tornando-se relevante a elaboração de um quadro representativo das nomenclaturas das Rendas de Bilros e seus respectivos países a partir das denominações descritas por Ramos e Ramos (1948):

Quadro 1 - Nomenclaturas das Rendas de Bilros e seus respectivos países

PAÍSES	NOMENCLATURAS
Brasil	Renda de Almofada, Renda do Norte, Renda do Ceará e Renda da terra
França	Dentelles aux fuseaux
Itália	Merletti ai fuselli ou ai piombini
Inglaterra	Bobbin-laces
Espanha	Encajes de bolittos
Alemanha	Klöppelspitze

Fonte: Dados com base nos estudos de Ramos e Ramos (1948, p. 19)

As nomenclaturas apresentadas no quadro 1, apontam o Brasil como o país com mais denominações, começando por Renda de Almofada, adotado dos portugueses, Renda do Norte, Renda do Ceará e Renda da terra; na França é denominada Dentelles aux fuseaux; na Itália pode ser chamada de Merletti ai Fuselli ou Ai Piombini; na Inglaterra chama-se Bobbin-laces; a Espanha nomeou Encajes de bolittos e a Alemanha Klöppelspitze.

As nomenclaturas citadas advêm da língua falada em cada país em conjunto com a cultura nativa, a exemplo do Brasil que destaca na nomenclatura *Renda do Ceará* o nome de uma das regiões produtora da arte, contribuindo para o reconhecimento da arte à sua região.

O desenvolvimento das Rendas de Bilros no mundo remete à sua importância e valores agregados que a fizeram ser expandida e aperfeiçoada, adquirindo e marcando época com formas representativas de cada região/país, e inspirando tematicamente à composição de novos modelos de rendas, criando então sua referência histórica até os dias atuais.

Apesar de as Rendas de Bilros surgirem da ideia do bordado cuja elaboração dá-se sobre um tecido, apresentam tramas livres formadas a partir do entrelaçamento de linhas fazendo uso de bilros. A criatividade das rendeiras de Bilros contribuiu significativamente para a elaboração de novas tramas ou adaptações das existentes, visto que durante o desenvolvimento de uma peça, elas têm a mente livre para novas ideias a partir do trabalho elaborado para o desenvolvimento de outro, contribuindo para aumentar a diversidade das tramas. A história das Rendas de Bilros perpassa por diversos países, fazendo necessário destacar nesta pesquisa, Portugal como um país europeu que mais trouxe riqueza de detalhes históricos, além de ter sido uma influência para a entrada das Rendas de Bilros no Brasil.

4.1 As Rendas de Bilros em Portugal

Em Portugal, o primeiro registro do surgimento da renda advém de 1560, época do reinado de D. Sebastião e da influência dos artefatos orientais sobre os artistas populares. A confecção da renda com características europeias tem influência da Itália, de Flandres ou da

França, e dos demais pontos afins adotados. No início do Século XVI, Flandres mantinha domínio influente, cujas peças de rendas eram comercializadas pelos povos flamengos nas feiras promovidas pelos reis. Nos séculos subsequentes, as rendas inspiradoras foram Valenciennes ou Chantilly, ambas francesas; em paralelo, as rendeiras portuguesas produziam com autonomia, as rendas flamengo-francêsas preferidas pela corte e indicadas por D. João V mediante lei por ele criada, como produção exclusiva à época, afetando a produção das demais rendas, que voltaram a serem produzidas em 1751, no reinado de D. José.

A arte da renda por muito tempo em Portugal só foi praticada nos conventos, e sua utilidade praticamente única era a ornamentação de igrejas e das vestes eclesiásticas. Quando a renda invadiu o mundo leigo, éditos suntuários começam logo a coibir o seu uso. Assim é que D. João III ordenava em 1610, “que nenhuma pessoa se servisse de *desfiado*, nem *rêde*, em alguns paramentos de cama, nem casa”. Também Felipe II impôs severas penas a quem usasse rendas e “outros desfiados” (RAMOS; RAMOS, 1948, p. 29).

Mediante a citação, a arte da renda em Portugal sob os olhos dos éditos suntuários, D. João III e Felipe II mereciam ser exclusivas ao uso da igreja, visto que sua expansão concede popularidade à arte da renda portuguesa, que fora influenciada, principalmente a de bilros, pela relação de Portugal com os venezianos, os flamengos, os franceses e os ingleses, segundo Ramos e Ramos (1948, p. 29).

Diante do exposto, torna-se evidente a obrigatoriedade da exclusividade da confecção da renda em Portugal quando esta expandiu para que não se tornasse popular, tendo sido a Renda de Bilros a mais afetada devido à relação de Portugal com os países vizinhos. A importância/equivalência adquirida pela arte da Renda de Bilros em Portugal eleva mérito ao Marquês de Pombal, que impulsionou a confecção das Rendas de Bilros populares do tipo *guipure* e semelhantes às rendas *flamengo-francêsas* a partir de 1775, como exposto no quadro abaixo:

Quadro 2 - Regiões produtoras das Rendas de Bilros em Portugal

A PARTIR DE 1775	DEPOIS DE 1775	TIPOS DE BORDADOS
Peniche	Peniche	Rendas de Bilros
Olhão	-	Rendas de Bilros
Setubal	Setubal	Rendas de Bilros
Viana-do-Castelo	Viana-do-Castelo	Rendas de Bilros
Horta	-	Rendas de Bilros
Ilha da Madeira	-	Rendas de Bilros e Bordados tradicionais
-	Niza (hoje Nisa)	Rendas de Bilros
-	Vila-do-Conde	Rendas de Bilros
-	Lagos	Rendas de Bilros
-	Silves	Rendas de Bilros

Fonte: Dados com base nos estudos de Ramos e Ramos (1948, p. 30)

De acordo com o quadro 2, as rendas de Bilros tiveram seu apogeu a partir de 1775 nas regiões Peniche, Olhão, Setubal, Viana-do-Castelo, Horta e Ilha da Madeira, onde esta última também produzia seus bordados tradicionais em paralelo à Renda de Bilros. Depois de 1775, as regiões de Peniche, Setubal e Viana-do-Castelo mantiveram suas tradições, e as regiões de Niza (hoje Nisa), Vila-do-Conde, Lagos e Silves iniciavam sua produção.

Inicialmente, as Rendas de Bilros tinham semelhanças com as rendas da Espanha, sendo elaboradas nas formas largas (seda branca), estreitas (Malines), a serem aplicadas em mantilhas; mais tarde, a renda *guipure* (branca), ora confeccionada em Lisboa e adjacências, expandiu também como item de exportação para o Brasil.

O tempo elevou as Rendas de Bilros e o bordado de Portugal, tornando-os reconhecidos mundialmente e uma fonte de pesquisas, mediante as exposições de Londres (1851), Paris (1858) e Pôrto (1857 e 1861). Dentre as exposições ocorridas, a *Exposição de arte popular no Pôrto* (1929) e a *Exposição de rendas de Vila-do-Conde* em Lisboa (1930), as tornaram mais importantes e representativas para a arte da renda.

As tradicionais Rendas de Bilros Portuguesas eram confeccionadas em sua maioria por mulheres rendeiras de classe social baixa, residentes da orla marítima local, tendo sido comum sua fabricação nos povoados /comunidades de pescadores, cuja técnica fora repassada para as gerações subsequentes /seguintes. À época, as moças que pertenciam à classe oposta à das rendeiras, denominadas de classe alta buscavam aprender a técnica da confecção da Renda de Bilros através dos conventos, onde em 1927 tornou-se “moda” para essa classe da sociedade. As rendeiras de bilros portuguesas desenvolviam seu trabalho com Linho minhoto para as rendas populares e algodão e seda para as mais requintadas, fazendo uso dos tradicionais pontos *pano*, *paninho*, *meio ponto*, *grade*, *pastilhas*, *tranças*, etc.,

costumeiramente desenvolvidos e apresentando seus traços regionais, sendo também em sua maioria, desenvolvidos no Brasil, como afirma Ramos (1948, p.32).

A poetisa e escritora D. Maria Madalena de Martel Patrício¹ citada por Ramos e Ramos (1948, p.32), relaciona os pontos tradicionalmente desenvolvidos com sua aplicação.

Para facilitar o entendimento do que Ramos e Ramos descreveram a partir dos estudos da poetisa, foi elaborado um quadro nesta pesquisa, que distribui os tipos de rendas citados, suas regiões, característica e aplicações de uso.

Quadro 3 - As Rendas de Bilros de Portugal e seus padrões tradicionais

TIPOS DE RENDAS	REGIÕES	CARACTERÍSTICAS	APLICAÇÕES
Popular	Pedra Formosa	Floral com rosáceas de quatro pétalas	Peças de roupa branca de uso pessoal e para casa
Popular	Citânia de Briteiros, Sabroso, S. Miguel o Anjo	Floral com rosáceas de seis pétalas	
Romântica	Balsemão, Zamora e Oviedo	Aras votivas, estelas sepulcrais, decoração romano-visigótica	-
Popular	-	Arcos, círculos concêntricos, zigue-zagues, bicos	-
Popular	-	Serras, losangos, gregas, xadrezados, pentalfas – signo-saimão	-
Popular	-	Suástica de três braços	-
Popular	-	Folhas, flores, borboletas, barcos, estrelas	Decoração
-	Portugal	Cruzes e corações	Uso exclusivo nas rendas de Portugal
Popular	Vila do Conde, Lisboa e Bordado Pinheiro (D. Maria Augusta)	Flores delicadíssimas, ornatos, ogivas, rosáceas da batalha, cruzes de Cristo, etc.	Ornato das rendas

Fonte: Dados com base nos estudos de Ramos e Ramos (1948, p. 32)

No quadro acima, as Rendas de Bilros representadas pelas regiões de Pedra Formosa, Citânia de Briteiros, Sabroso e S. Miguel o Anjo, são provedoras de rendas populares de característica floral para aplicação em roupas brancas para uso pessoal ou ornato de casa; nas regiões de Balsemão, Zamora e Oviedo, as rendas do tipo românticas apresentam em suas características aras votivas, estelas sepulcrais e decoração romano-visigótica, omitindo sua aplicação de uso; a Renda de Bilros popular também está presente em regiões de Portugal cujos nomes e aplicações de uso não foram citados, mas que tem como características arcos, círculos concêntricos, zigue-zagues, bicos, serras, losangos, gregas, xadrezados, pentalfas –

¹ D. Maria Madalena de Martel Patrício, nascida em Lisboa, Portugal, é poetisa, escritora portuguesa e primeira mulher portuguesa indicada para o prêmio Nobel de Literatura.

signo-saimão e suástica de três braços; os motivos de cruces e corações considerados exclusivos das rendas de Portugal, não apresentou o tipo de renda considerado; por fim, a renda popular de Vila do Conde, Lisboa e Bordado Pinheiro (D. Maria Augusta) tem em seus formatos flores delicadíssimas, ornatos, ogivas, rosáceas da batalha, cruces de Cristo, etc. como ornato para rendas.

Em Portugal, Vila do Conde é considerada a região mais antiga na confecção das Rendas de Bilros onde foi fundada a primeira Escola de Rendeiras de Portugal, introduzindo os ensinamentos da técnica desta arte para crianças a partir de três anos. Aos vinte anos, as rendeiras dominavam as técnicas tradicionais da fabricação da Renda de Bilros, confeccionando as peças na calçada de sua casa, em posição voltada para a rua, hábito comum à época. Inicialmente, fazia-se uso da Linha de Guimarães, tendo sido substituída pelas linhas estrangeiras de fio de linho e pelo fio de algodão.

A cidade litorânea de Peniche, em Portugal, também se destaca desde 1700 com a confecção das rendas *Honiton*, derivada da renda *guipure* e a renda de *fundo de retícula*, no estilo *Chantilly*. Os materiais utilizados eram semelhantes ao de outras regiões como, por exemplo, a almofada cilíndrica com abertura nas laterais apoiada em cima de banco ou cesto, piques elaborados na cor de açafião e bilros, entre outros. De início, as rendas eram elaboradas com fundo de tule e acabamento/contorno em torçal, sendo substituído por peças mais práticas que demandavam lucro maior.

Em Viana do Castelo (Minho), as rendilheiras como são chamadas, representam expressivamente a Renda de Bilros da região até o ano de 1867, estando em decadência até o ano de 1948, época da pesquisa. A elaboração da renda era a principal atividade da região, fazendo uso de características próprias e uso do cordão em suas peças. Na região de Setubal, não se especifica a data de surgimento da Renda de Bilros, mas se assemelham às rendas de Vila do Conde, elaboradas com fio de algodão e apresentando aspecto visual mais grosseiro. Em Lagos, no Algarve, a antiga renda de fios de linho com motivos originais da região, fora substituída pela renda de fios de algodão com motivos de outras regiões, tendo sido conservados alguns motivos como a *fôlha de ameixeira* mediante a decadência da renda na região. Nas demais regiões de Portugal, como a de Silves (Algarve) e Niza ou Nisa (Alentejo), a produção de Rendas de Bilros torna-se insignificante mediante a importância adquirida pelas rendas de Vila do Conde e Peniche. Segue quadro representativo das rendas de Portugal e suas variáveis regionais.

Quadro 4 - Rendas de Bilros das regiões de Portugal e suas variáveis

REGIÕES	TIPOS DE RENDAS	MATERIAIS - UTENSÍLIOS
Vila do Conde	Tradicional	Linha de Guimarães, linhas estrangeiras, fios de linho (galego e mourisco) e fio de algodão
Peniche (Estremadura)	Honiton (Guipure) e fundo de retícula (Chantilly)	Torçal (cordão), almofada cilíndrica com abertura nas laterais, banco ou cesto de apoio, cartão com piques na cor de açafão e bilros entre outros.
Viana do Castelo (Minho)	Tradicional - motivo do cordão	Cordão
Setubal (Estremadura)	Semelhantes às de Vila do Conde com aspecto rústico (grosseiro)	Fio de algodão e bilros de madeira de buxo ou laranjeira
Lagos (Algarve)	Tradicional da região (folha de ameixeira) e rendas populares	Fios de linho e de algodão
Silves (Algarve)	-	-
Niza ou Nisa (Alentejo)	-	-

Fonte: Dados com base nos estudos de Ramos e Ramos (1948, pp. 33,34)

A partir dos dados citados, as rendeiras da região de Vila do Conde desenvolvem rendas tradicionais, fazendo uso de linhas e fios delicados como também mais rústicos como o fio de algodão.

Em Peniche, as Rendas de Bilros desenvolvidas eram do tipo Guipure e Chantilly fazendo uso de torçal (cordão) e utensílios comumente utilizados para a confecção; Viana do Castelo desenvolvia rendas tradicionais fazendo uso do cordão, enquanto as rendeiras de Setubal se inspiravam nas rendas rústicas de Vila do Conde ao utilizar fios de algodão em Bilros de madeira de buxo ou laranjeira.

Na região de Lagos, a renda “folha de ameixeira”, considerada tradicional pela região, passou a ser produzida em conjunto com outras rendas populares, utilizando fios de linho e algodão.

Silves e Niza (Nisa), são exemplos de regiões cuja produção de Rendas de Bilros tornam-se insignificantes, se comparadas as confecções de Vila do Conde e Peniche, regiões que destacam-se como focos principais do desenvolvimento da Renda de Bilros em Portugal, sendo as demais regiões somatórias para o aprimoramento desta arte.

Considerada propulsora da Renda de Bilros no Brasil, Portugal destaca-se pela expansão da renda em suas regiões e influência nas produções brasileiras, cuja relação estreita entre os países favoreceu seu desenvolvimento em áreas costeiras e colônias de pescadores, expandindo para os interiores das regiões brasileiras.

4.2 As Rendas de Bilros no Brasil

Há contradições quanto à introdução da Renda de Bilros no Brasil mediante a ausência de registros documentais, portanto, não há precisão de datas e/ou pessoas, embora o autor estrangeiro Mme. Bury Palliser aponte a “une étroite et grosse dentelle qui ne s’exporte pas” como produzida no Brasil. Mlle. Marguerite Charles e M. Laurent Pagès apontam o Brasil entre produtores de rendas cuja semelhança remete ao *point de Dieppe* e os de estilo *torchons*, ambos com acabamento rústico, nomeados de *coentro*.

Abandonamos, assim, qualquer tentativa de reconstituição histórica através de documentos escritos pelas razões aludidas da sua quase inexistência. Poderíamos apenas inferir que as rendas de bilros entraram no Brasil com as primeiras mulheres portuguesas vindas, com suas famílias, de pontos de Portugal onde tradicionalmente se fazem rendas de bilros, como as áreas costeiras, do Minho à Estremadura e ao Algarve (RAMOS; RAMOS, 1948, p. 36).

Mediante estudo de Ramos e Ramos (1948), deve-se considerar que as Rendas de Bilros adentraram no Brasil com a chegada das rendeiras portuguesas e suas famílias, visto pela ausência de documentos escritos para confirmar a autenticidade da arte brasileira. A presença de historiadores teria contribuído positivamente para o trabalho das rendeiras e suas possíveis tramas inéditas e não reconhecidas na região, restando os depoimentos orais das rendeiras como recurso principal de coleta de informações acerca das Rendas de Bilros. Em análise, percebem-se semelhanças entre as tramas das Rendas de Bilros desenvolvidas em Portugal e no Brasil, tendo este também adotado nomenclatura para suas rendas a partir dos motivos existentes e dos aprimorados em acordo com a cultura local de cada região.

Segundo Ramos e Ramos (1948, p. 36), a coleção de Rendas de Bilros Luiza Ramos propicia a comparação de pontos, padrões, ornatos, fios e técnicas utilizados nas rendas brasileiras e nas estrangeiras, com enfoque às rendas portuguesas, à exceção das regiões brasileiras que mantinham a arte.

As Rendas de Bilros no Brasil, mediante suas tramas e respectivas peculiaridades, sem comprovação real de sua origem devido à ausência de registros das rendas elaboradas no Brasil e demais que possam ter sido inspiradoras, recebem denominações distintas por regiões, a saber:

Quadro 5 - Nomenclaturas das Rendas de Bilros no Brasil e suas regiões

REGIÕES	NOMENCLATURAS
Nordeste e demais pontos isolados	Renda de Almofada
Distrito Federal	Renda do Norte / Renda do Ceará
Ceará / Sergipe	Renda da terra
Ceará	Renda do Reino (mecânica)
Alagoas	Renda da Praça (mecânica)

Fonte: Dados com base nos estudos de Ramos e Ramos (1948, pp. 36,37)

A descrição acima aponta que a confecção da Renda de Bilros no Brasil fora distribuída em diversas regiões, onde cada uma nomeou e ramificou sua confecção em acordo com seus princípios nativos advindos de áreas costeiras e colônia de pescadores, como também o desenvolvimento das Rendas de Bilros mecânicas do Ceará e Alagoas que contribuíram para a desvalorização da arte da renda manual, visto pela demanda maior de peças e custo financeiro menor ao usuário comprador.

Quanto às nomenclaturas, na região Nordeste e pontos isolados do Brasil, a Renda de Bilros denominada Renda de Almofada, passa a ser Renda do Norte e Renda do Ceará no Distrito Federal, e Renda da terra no Ceará e em Sergipe; em paralelo, Ceará e Alagoas desenvolveram também a renda mecânica denominadas de Renda do Reino e Renda da Praça respectivamente. Torna-se relevante identificar a expansão da Renda de Bilros do Brasil por cidades:

Quadro 6 - Distribuição das Rendas de Bilros no Brasil por região e relevância

REGIÕES	CIDADES
Nordeste	Ceará, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Maranhão
Leste	Sergipe, Bahia e Estado do Rio
Sul	Santa Catarina
Norte	Pará

Fonte: Dados com base nos estudos de Ramos e Ramos (1948, p. 37)

Dentre as regiões brasileiras, o Nordeste é a região que concentra a maior produção de Rendas de Bilros, abrangendo as regiões de Ceará, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Maranhão, com predominância das rendeiras nas colônias de pescadores de baixa renda, existindo em paralelo sua confecção em escala menor e nos interiores. No Leste do Brasil, destaca-se Sergipe, Bahia e o Estado do Rio; no Sul, Santa Catarina é considerada a principal região produtora e incentivadora da expansão das Rendas de Bilros nos seus arredores; e por fim, ao Norte do Brasil, o Pará está citado como região de menor

relevância do desenvolvimento da arte das Rendas de Bilros. Mediante apontamentos de relevância das Rendas de Bilros no Brasil, segue a distribuição destas e demais bordados manuais desenvolvidos em cada região, relacionados à cidade ou Estado como segue:

Quadro 7 - Distribuição das Rendas, bordados e artesanato no Brasil

ESTADOS	REGIÕES	RENDAS/BORDADOS/ ARTESANATO	APLICAÇÕES
Ceará	Maranguape, Caucaia, Aquiraz, Cascavel, Itapipoca, Aracati, Mecejana, Soure, Porangaba, etc.	Rendas de Bilros, Crivo, Filet e Labirinto	-
Alagoas	Maceió, Pilar (Manguaba), Alagoas (Marechal Deodoro), Coqueiro Seco, Santa Rita, Massagueira, Volta D'água, Ribeira, Penedo, Pão de Açúcar, Piranhas, Mata Grande, Quebrangulo, Penedo	Rendas de Bilros, Crivo, Filet e Labirinto	Roupas femininas, camisaria infantil (camisas de criança), toalha para altar, roqueles e alvas sacerdotais (igreja)
Pernambuco	Caruaru, Pau D'Alho, Jaboatão, etc.	Rendas de Bilros	-
Paraíba	Mamanguape, Serra Redonda, Ingá e áreas de João Pessoa	Rendas de Bilros, Labirintos e Bordados	-
Rio Grande do Norte	Areia Branca (Mossoró)	Rendas de Bilros	-
Piauí	-	Rendas de Bilros	-
Maranhão	Maranhão e São Luiz	Rendas de Bilros	-
Pará	Santarém	Renda de Bilros e Bonecos de Pano	-
Amazonas	Urucará e Parintins	Rendas de Bilros	-
Sergipe	Propriá, Porto da Folha, Itabaiana, Estância, Praia do Saco, Simão Dias, Irapiranga, etc.	Rendas de Bilros	-
Bahia	Vale do São Francisco, Remanso (principal), Esplanada, Mangue Seco, Feira de Sant'Ana, Nazaré, Santo Antônio de Jesus, Castro Alves.	Rendas de Bilros	-
Minas Gerais	Cataguazes, Arraial de Aracati, Barão de Camargo, Januária.	Rendas de Bilros	-
Espírito Santo	São José do Calçado, Vila Velha.	Rendas de Bilros	-
Rio de Janeiro	Campos e Cabo Frio (principais), Atafona, Colomins, Pedregulho, etc.	Rendas de Bilros	-
São Paulo	São José do Rio Preto	Rendas de Bilros	-
Santa Catarina	Florianópolis, Ribeirão, Tijuquinhas, Palhoça. (Joinville, Tubarão, Laguna, Lages e Blumenau – informações imprecisas)	Rendas de Bilros, Rendas Mecânicas e demais rendas	Bicos, entremeios, contornos para lenços, guardanapos, toalhas, centros, dobra de lençóis e demais formas afins
Rio Grande do Sul	Rio Pardo e Vila de Candelária	Rendas de Bilros	-

Fonte: Dados com base nos estudos de Ramos e Ramos (1948, pp. 37,38-42)

A distribuição de rendas, bordados e artesanato citados no quadro 7, relaciona cada Estado à suas regiões e seus afazeres artesanais, iniciando pelo Estado do Ceará e suas regiões, Maranguape, Caucaia, Aquiraz, Cascavel, Itapipoca, Aracati, Mecejana, Soure e Porangaba, entre outras, com o desenvolvimento de Rendas de Bilros, Crivo, Filet e Labirinto.

Em Alagoas, destaca-se Maceió, Pilar (Manguaba), Alagoas (Marechal Deodoro), Coqueiro Seco, Santa Rita, Massagueira, Volta D'água, Ribeira, Penedo, Pão de Açúcar, Piranhas, Mata Grande, Quebrangulo e Penedo com a produção de Rendas de Bilros, Crivo, Filet e Labirinto, cuja aplicação dá-se em roupas femininas, camisaria infantil (camisas de criança), toalha para altar, roqueles e alvas sacerdotais de igreja.

Em Pernambuco, destaca-se a produção de Renda de Bilros nas regiões de Caruaru, Pau D'Alho e Jaboatão, entre outras; no Estado da Paraíba, Mamanguape, Serra Redonda, Ingá e áreas de João Pessoa confeccionam Rendas de Bilros, Labirintos e bordados, enquanto no Rio Grande do Norte, a região de Areia Branca em Mossoró, limita-se às Rendas de Bilros; no Piauí as Rendas de Bilros são exclusivas e não apontam registro de demais regiões produtoras.

No Maranhão e em São Luiz prevalece as Rendas de Bilros, enquanto em Santarém, no Pará, Bonecos de pano são produzidos em paralelo às Rendas de Bilros; as regiões de Urucará e Parintins no Amazonas, limitam-se às Rendas de Bilros, como também os Estados de Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e suas respectivas regiões produtoras como mencionadas;

Em Santa Catarina, são confeccionadas Rendas de Bilros, Rendas Mecânicas e demais rendas afins à cultura da região em Florianópolis, Ribeirão, Tijuquinhas e Palhoça. Em Joinville, Tubarão, Laguna, Lages e Blumenau as informações são imprecisas à época de 1948, a serem aplicadas em bicos, entremeios, contornos para lenços, guardanapos, toalhas, centros, dobra de lençóis e demais formas afins.

No ano de 1948, as regiões Nordeste e Santa Catarina foram consideradas como centros principais de confecção da Renda de Bilros, sendo inicialmente elaboradas por rendeiras das áreas costeiras e expandidas para o interior do país. Percebe-se que inicialmente, as rendas abrangeram quase todas as regiões do Brasil, tendo sido conciliada com outros tipos de rendas manuais e mecânicas em algumas regiões, como Ceará, Alagoas, Paraíba e Santa Catarina.

Dentre os Estados citados, apenas Alagoas e Santa Catarina possuem informações das aplicações das Rendas de Bilros produzidas, ficando perceptível que a ausência de uma informação relevante omite a essência dos demais Estados. Infelizmente, a insuficiência de

informações acerca do surgimento das Rendas de Bilros no Brasil oculta registros de extrema importância para esta arte mundialmente conhecida.

A confecção das tramas das Rendas de Bilros é rica em detalhes e flexível para elaboração de rendas em formatos, tamanhos e larguras diversas, a serem aplicadas e utilizadas para diversos fins. Indícios remetem que sua introdução no Brasil advém de Portugal visto pela imigração dos portugueses que implantaram suas tramas e exportaram seus produtos, promovendo uma semelhança nas tramas dos dois países. Ademais, a inspiração e introdução da Renda de Bilro de Portugal proporcionou as rendeiras brasileiras adaptações de material e pontos existentes, como também a introdução de novos pontos. A Renda de Bilro é uma arte que não perde sua essência mediante adaptações de materiais e formato de pontos devido a sua singularidade na elaboração de suas tramas, por sempre remeter ao feitio de linha entrelaçada no alfinete sobre a almofada mantendo o mesmo padrão de confecção.

5 CONFECCÃO DAS RENDAS DE BILROS

Confeccionar Rendas de Bilros é fazer/tecer arte enquanto produz o produto que pode ser renda, bico, entremeios, peças de aplicações e demais formatos que desejar porque a linha/fios se molda a uma infinidade de padrões, onde as rendeiras produzem as rendas de acordo com seu aprendizado e experiência adquiridos.

De acordo com Maia (1980), a confecção das Rendas de Bilros requer o uso de almofada, bilros, linhas/fios, alfinetes, pique (molde), sob a forma de cartões ou materiais similares furados com o desenho a ser elaborado, sendo as linhas e os fios, matérias-primas particulares e indispensáveis à arte de fazer renda. Para que isso aconteça, se faz necessário a preparação dos materiais a serem utilizados. O processo de feitiço das Rendas de Bilros segundo Maia (1980, p. 71), seguem as seguintes etapas:

- Armar a almofada;
- Beliscar o papelão ou pique (é um trabalho que nem todas rendeiras sabem executar. Algumas são especialistas e picam para as companheiras.) Consiste em furar com um alfinete o cartão ou papelão que servirá de molde. Assim beliscado, é colocado uma amostra da renda em cima e segue o motivo;
- Encher os bilros;
- Preencher os bilros aos alfinetes em pares, pendurando um para a esquerda e outro para direita;
- Espetar os alfinetes nos furos do pique;
- Trançar a renda, trocando os bilros, de acordo com o motivo ou motivos a executar.

Essas etapas são descritas de forma geral, no entanto, a confecção das Rendas de Bilros precisa de outros materiais. Neste sentido, as rendeiras ao estar de posse do molde precisam identificar o tipo de almofada, bilros e linhas ou fios que delineiam melhor a peça a ser trabalhada. A elaboração das peças a partir do entrelaçamento das linhas e fios com os pares de bilros sobre almofada específica apresenta particularidades nos materiais utilizados como segue:

5.1 A almofada

Considerada como item essencial para a confecção da Renda de Bilros, a almofada é confeccionada de acordo com o tamanho da renda a ser elaborada em conformidade com a região e necessidade das rendeiras a usá-las, visto que existem regiões em que é disposta diretamente ao chão para receber o pique com o desenho elaborado e os alfinetes, espinhos ou espinhas de peixe que delimitam as tramas de linhas/fios.

A confecção da almofada compete à personalidade da rendeira, em sua maioria é côncava ou tem o formato de um cilindro, envolta por tecido de algodão rústico arrematado nas laterais, podendo ser compactada por enchimento ou oca em suas extremidades para a guarda de bilros, tesouras, linhas, alfinetes, espinhos, e demais materiais necessários.

Existem diversos tipos de almofadas, com formato cilíndrico, arredondado, retangular ou côncavo, passando por constantes adaptações de formato e tamanho, de acordo com o tamanho da renda e a preferência da rendeira.

Figura 1: Almofada



Fonte: Girão (2013, p. 14)

A imagem da almofada em seu formato cilíndrico, pertence ao Museu Arthur Ramos, no Ceará. Revestida por tecido de algodão branco costurado à mão, e de enchimento de palha de bananeira ou capim, dispõe de pique elaborado em papelão e preso a espinhos, com a renda no processo de confecção fazendo uso de linha colorida na cor rosa.

A almofada pode ser visualizada de acordo com as características de capa país ou região. Embora a primeira almofada tenha sido confeccionada no formato de um cilindro, com a expansão da Renda de Bilros, as rendeiras passaram a desenvolver outros formatos e tamanhos de almofada adaptando-as ao uso sobre base, cadeira, banco e chão. Ressalta-se, portanto que a cultura de cada povo tem influência na criação das almofadas.

Quadro 8 - Caracterização da almofada

PAÍSES	NOMENCLATURAS	MATERIAIS	FORMATOS	ESPECIFICAÇÕES
Brasil	Almofada	Pano/tecido forte de aniagem, estopa ou semelhante	Cilindro, Regalo Francês ou anglo saxão	Enchimento de folhas secas de bananeira, capim, algodão, barriguda, capim de embalagem e “barba de velho” (Santa Catarina). Os tamanhos variam conforme a região e o tamanho da renda
Portugal	Almofada	Pano/tecido forte com fechamento de fita nas extremidades	Cilindro pouco alongado, circulares, quadradas, retangulares e trapezoides	Enchimento de serradura de madeira, crina, farelo, lã, sumauma, palha de trigo, centeio e palha de milho
Espanha	Almohada	-	Longo, com um acolchoado para alfinetes	Almofadas com tamanhos variáveis a suportar até 600 bilros
França	Coussin (principal), Tambour ou Métier	Saco de algodão com discos de algodão em suas extremidades	Regalo	-
Itália	Tombolo	-	-	-
Países Anglo-Saxões	Pillow	-	-	-
Alemanha	Kissen	-	-	-
Rússia	Poduschka	-	-	-
Bélgica	-	-	Chatos e redondos	-

Fonte: Dados com base nos estudos de Ramos e Ramos (1948, pp. 44,45,46)

A descrição do quadro 8 retrata as almofadas desenvolvidas em diversos países e suas particularidades mediante os materiais utilizados, formatos e especificações, onde no Brasil recebe a nomenclatura de *almofada*, derivando-se das portuguesas, cobertas por pano/tecido forte de aniagem, estopa ou semelhante, em formato de cilindro, regalo francês ou anglo saxão, de diversos tamanhos, em acordo com a renda a ser produzida, com enchimentos de folhas secas de bananeira, capim, algodão, barriguda, capim de embalagem e “barba de velho” em Santa Catarina; a *almofada* como é chamada em Portugal.

Também tem o formato de cilindro pouco alongado como mais utilizada e as formas circulares, quadradas, retangulares e trapezoides para usos específicos, forradas por pano/tecido forte com fechamento de fita em suas extremidades e enchimento de serradura de madeira, crina, farelo, lã, sumauma, palha de trigo, centeio e palha de milho; a descrição da *almohada* na Espanha não apresenta os materiais nela utilizados, mas afirma ter formato

longo com acolchoado para descanso de alfinetes, e tamanhos diversos para suportar até 600 bilros.

Na França, recebe os nomes de Coussin (principal), Tambour ou Métier, envolta por saco de algodão com discos de algodão em suas extremidades no formato de regalo e ausente de especificações particulares a sua composição.

Na Itália, nos Países Anglo-Saxões, na Alemanha e na Rússia, a almofada é denominada Tombolo, Pillow, Kissen e Poduschka respectivamente, com ausência de informações para descrição dos materiais, formatos e especificações.

Por fim, a almofada confeccionada na Bélgica é citada sem nomenclatura, definição de materiais e especificações, mas possuidora de formatos Chatos e redondos.

Em Portugal, as almofadas costumam ser confeccionadas com abertura em suas extremidades para guardar e organizar os materiais, estando de fácil acesso sempre que preciso.

No Brasil, a almofada deriva-se da portuguesa, as rendeiras costumam confeccionar quantas almofadas sejam necessárias para o desempenho de sua arte, a de tamanho médio abrange 45cm de comprimento x 27cm de largura x 21cm de altura, até 50cm de altura x 1m de comprimento; para confecção de aplicações e panos, a almofada é redonda com medidas de 45cm à 50cm de diâmetro x 21cm de altura. Na Europa, a almofada também apresenta formas diferenciadas, sendo redonda, quadrada, achatada e alongada, uma diversidade entre seus países e regiões produtoras da Renda de Bilros.

5.2 Suporte de almofada

As almofadas podem estar apoiadas em suportes específicos, podendo também estar no chão, sobre bancos, cadeiras, caixotes ou qualquer outro material para elevação da almofada, permitindo uma melhor acomodação à rendeira.

Figura 2: Suportes de almofadas



Fonte: Site do Diário do Nordeste²

² Ver site: Disponível em: <http://hotsite.diariodonordeste.com.br/especiais/fios-de-tradicao/rendas-domar/producao>. Acesso em: 20 de maio de 2017.

A utilização da almofada grande merece uso do suporte, facilitando o trabalho e o tempo de deslocamento, estando sempre arrumada no seu ambiente. O uso de um suporte/base para a almofada fica a critério da rendeira mediante sua preferência quanto à acomodação, outros fatores também interferem como as condições financeiras das rendeiras ou mesmo o costume da região em que aprendeu a tecer a renda, não interferindo no resultado final.

Figura 3: Almofada montada no suporte



Fonte: Site do diário do nordeste³

Das almofadas e suportes acima, o primeiro conjunto representa o Estado do Ceará, o segundo Portugal, e a último Peniche - Portugal. Os três modelos de suportes são elaborados de madeira com acabamentos diferenciados, partindo do caixote rústico para um suporte intermediário, aparentando ser leve e de bom acabamento, chegando ao requintado que suporta almofada de grande porte, com acabamento torneado e envernizado, adquiridos pelas rendeiras em conformidade com sua posse financeira e acesso a este tipo de material, visto pelo lado das rendeiras de áreas costeiras e demais que vivem em situação semelhante como faz constar no site do diário do nordeste.

5.3 Os Bilros

Girão (2013, p.15) afirmam que os bilros fazem parte dos materiais que compõem os instrumentos de trabalho das rendeiras de bilros, as peças são compostas de haste e terminal em uma de suas extremidades, também denominada de “cabeça”, compostos e torneados por peça única de madeira e os que são compostos por haste e terminal. A haste tem a forma de cilindro com tamanhos de 10cm a 15cm, conforme a linha ou fio, cultura da região ou mesmo preferência da rendeira pela prática adquirida ao longo dos anos. Existem dois tipos de terminais, os fabricados em madeira e mesmo material da haste, e formas variadas e os que são formados por sementes e cocos advindos da região que os utiliza.

³ Ver site: Disponível em: <http://hotsite.diariodonordeste.com.br/especiais/fios-de-tradicao/rendas-do-mar/producao> e <http://hotsite.diariodonordeste.com.br/especiais/fios-de-tradicao/preservar-preciso/heranca/xana.html>. Acesso em: 20 de maio 2017.

Figura 4: Bilros de sementes, cocos, marfim e madeira



Fonte: Girão (2013, p.10,14)

As imagens da figura 4 apresentam modelos de peças adquiridas por D. Luiza Ramos e de composições diferentes, sendo a primeira imagem uma mescla de bilros de madeira feitos em peça única e confeccionados em tornos, e bilros com sementes e cocos não identificados; a segunda imagem representa bilros de marfim confeccionados em peça única, do antiquário do Sr. Sebastião de M. Barreto, da Galeria São Pedro, advindo do leilão da Marquesa de Canela - Elisa Larena de Canela e estimado do ano de 1838.

Na terceira imagem, os bilros são de madeira em peça única e fabricados à mão. Existe uma grande variedade de bilros, mas todos desempenham a mesma função, suas formas advêm de cada região ao qual é confeccionado quanto ao tamanho, peso, formato e material, desenvolvidos para reter a linha em sua caneleta/haste de forma externa⁴ ou interna⁵, e produzidos para uso em pares.

⁴ Quando a linha é presa ao bilro através de fenda na canela da peça.

⁵ Quando o bilro possui uma capa sobre a canela da peça protegendo o fio.

Quadro 9 - Caracterização dos bilros

PAÍSES	NOMENCLATURAS	FORMATOS	MATERIAIS
Brasil	Bilros e Birros (nordeste)	Cabo em forma de esfera	Marfim; madeiras duras como imburana, sucupira, e demais afins; laranjeira e “rabo de macaco” (Santa Catarina). Cocos de macaúba (catarro), ouricuri (aricuri), e de buriti; sementes de mucunã da mata
Portugal	Bilros	Cabo em forma de esfera e delicado	Pau preto ou marfim (inicialmente), pinho, cerejeira ou laranjeira (posteriormente)
Bélgica	-	Pequenos, delicados e grossos (guipure)	Madeira rija, osso ou marfim (mesma peça)
França	Fuseaux, bloquets e Cottier (bilros ocos)	Cabo fino e alongado	-
Itália	Fuselli, Piombini (Veneza), Ossi (osso) ou Mazzette	-	-
Alemanha	Klöppels ou klöpfels	-	-
Inglaterra	Bobbins e Bones	-	-
Espanha	Bolillos e Husos	-	-

Fonte: Dados com base nos estudos de Ramos e Ramos (1948, pp. 46,47,48,49)

O quadro acima descreve os bilros sob as peculiaridades regionais de cada país, onde cada possui uma ou mais nomenclaturas e bilros diferenciados, sendo chamados no Brasil de *Bilros e Birros* (nordeste), lapidados com cabos em forma de esfera e em marfim e madeiras de imburana e sucupira, entre outras afins, sendo em Santa Catarina de laranjeira e “rabo de macaco”, e acabamentos de cocos de macaúba (catarro), ouricuri (aricuri), buriti e sementes de mucunã da mata em outras regiões

Em Portugal chamam-se *bilros*, com cabos em forma de esfera e delicados, feitos inicialmente de pau preto ou marfim, e posteriormente de pinho, cerejeira ou laranjeira; a Bélgica não possui nomenclatura definida, mas seus bilros têm formatos pequenos, delicados e grossos para tecer a renda guipure, desenvolvidos em madeira rija, osso ou marfim.

A França possui três nomenclaturas, *Fuseaux, bloquets* e *Cottier* referentes a bilros ocos, de cabos finos e alongados, e sem especificações de materiais utilizados

Na Itália recebe os nomes de *Fuselli e Piombini* em Veneza, *Ossi* (osso) ou *Mazzette*; na Alemanha são *Klöppels* ou *klöpfels*

Na Inglaterra, *Bobbins e Bones* e na Espanha, *Bolillos e Husos*; sendo estes quatro últimos países ausentes de informações acerca de seus formatos e materiais.

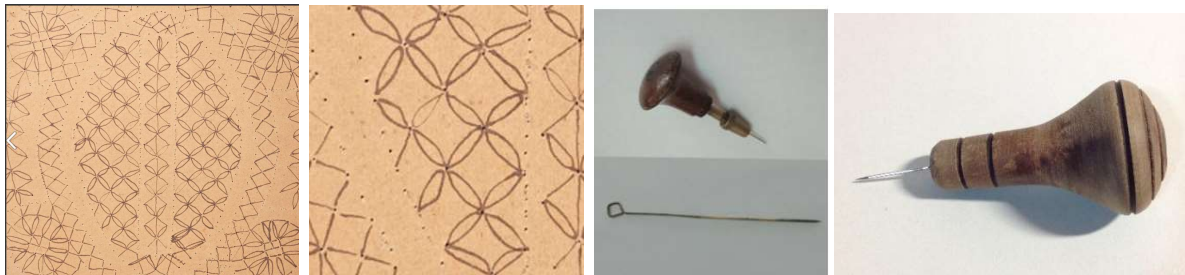
Os bilros utilizados no Brasil são semelhantes aos portugueses, porém confeccionados com um ou dois tipos de materiais, fazendo uso de sementes ou cocos em uma de suas extremidades. A quantidade de pares de bilros a serem utilizados depende da extensão da peça

a ser elaborada, sendo preciso enrolar linhas/fios em suas hastes como preparo prévio das peças.

5.4 O Pique

Refere-se ao molde da trama da renda, a base do bordado, sua elaboração dá-se a mão livre, por outro molde ou enquanto desenvolve a trama da renda, prendendo o pique virgem sob o pique trabalhado, para que seja marcado pelos furos do pique pronto. É um trabalho minucioso que exige experiência da rendeira que elabora e da rendeira que executa por ser preciso identificar cada ponto a ser executado. Marcar o pique chega a ser uma tarefa exclusiva de uma minoria de rendeiras, sua marcação parte de outro molde, de rendas prontas ou à mão livre, sendo preciso ter conhecimento dos pontos para agregá-los na trama.

Figura 5: Papelão preparado com furos e desenho da trama e o furador do pique



Fonte: Girão (2013, p. 20,25) e Site Elo⁶

Nas duas primeiras imagens, o pique elaborado em papelão está representado em sua forma original e em detalhe que aproxima o desenho da trama e os furos onde serão inseridos os alfinetes nas duas primeiras imagens; nas demais imagens estão modelos de furador de pique confeccionados em madeira e metal não especificado.

Considerado guia indicador e delimitador para elaboração das Rendas de Bilros, o pique é formado por um desenho/padrão talhado em cartolina ou papel semelhante, que determina através de perfurações a posição dos alfinetes ou espinhos a serem utilizados no momento da confecção da peça. Os desenhos elaborados no pique são de acordo com o tamanho da peça a ser confeccionada, podendo ser peça única para aplicação ou extensiva para trabalhos mais elaborados; após ser furado, tem marcação a lápis entre os espaços dos furos para facilitar o direcionamento da rendeira e delimitar a trama.

⁶ Ver site: disponível em: <<https://www.elo7.com.br/480c8e/produtos>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

Quadro 10 - Caracterização do pique

PAÍSES	NOMENCLATURAS	MATERIAIS	ESPECIFICAÇÕES
Brasil	Papelão picado, picado, papelão, papelão de renda e pique	Tampas de caixas, pedaços de papelão e cartolina	Vários tamanhos
Portugal	Pique ou debuxo	Cartolina amarela pigmentada de açafrão e gema de ovo	Cartolina pigmentada para destacar-se na confecção da renda branca
França	Dessin piqué ou Piqué	Cartolina ou pergaminho	Piqué elaborado sobre cartolina ou pergaminho

Fonte: Dados com base nos estudos de Ramos e Ramos (1948, pp. 49, 50).

No Brasil, o pique conhecido como papelão picado, picado, papelão, papelão de renda e pique, confeccionados em tampas de caixas, pedaços de papelão e cartolina, abrangem vários tamanhos; em Portugal é pique ou debuxo de cartolina amarela pigmentada de açafrão e gema de ovo a fim de destacar da renda branca no momento de sua confecção; na França é Dessin piqué ou Piqué confeccionados em cartolina ou pergaminho.

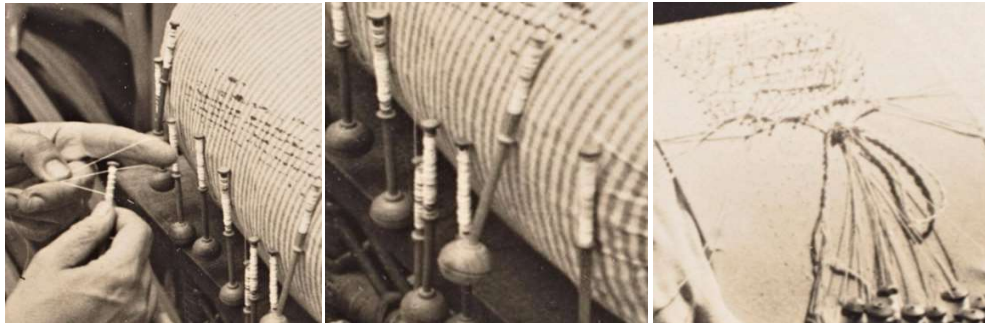
No Brasil, o pique adotou os estilos portugueses (pique) e francês (piqué), seus modelos advêm de revistas, moldes, cópias a partir de cartolina virgem sob o pique trabalhado, entre outros, visto que cada rendeira o confecciona de acordo com a demanda desejada.

5.5 Os fios e as linhas

Os fios e as linhas utilizados na confecção das Rendas de Bilros são determinantes para o tipo de renda a ser desenvolvido. Inicialmente, a matéria-prima para a produção das Rendas de Bilros era fios de algodão produzidos pelas próprias rendeiras, onde o algodão natural era torcido até adquirir a espessura desejada, tendo sido substituído em sua maioria ou totalidade por fios de linha produzidos mecanicamente e especificados por números, sob a forma de novelo, carretel, meada ou demais formas definidas pelo fabricante.

Costumeiramente, a cor mais utilizada é a branca, existindo também fios de linha coloridos a serem utilizados mediante encomenda, mas a cor branca marcou as Rendas de Bilros ao longo dos tempos, elevando sua beleza pelo realce que apresenta, sendo seguida pelos tons de nudes, claros e os coloridos.

Figura 6: Preparação dos fios e linhas e sua aplicação



Fonte: Girão (2013, pp. 9,27)

As imagens referentes a figura 5, são da Coleção do Museu Arthur Ramos, onde na primeira imagem a rendeira está preparando as linhas para a confecção da Renda de Bilros e a segunda imagem apresenta os bilros em detalhe; a última imagem é a fotografia que de uma almofada de bilros com os fios/linhas/cordão não especificados dispostos.

Os fios e as linhas são materiais que dependem dos bilros ao qual é enroscado, como suporte para que aconteça a confecção da Renda de Bilros enquanto arte manual através de tramas elaboradas a partir do fio do algodão, produzido de forma rústica ou mecânica, de fibras ou mesmo de linho, por exemplo, porém, sua diversidade remete à confecção de peças mais requintadas ou simples no estilo *torchon*, como será distribuído no quadro a seguir:

Quadro 11 - Fios e linhas

PAÍSES	REGIÕES	MATERIAIS	TONALIDADES	ESPECIFICAÇÕES
Brasil	Ceará, Pernambuco, Alagoas-Sergipe, Piauí, Santa Catarina, Paraíba	Fios de algodão, linho, seda, fibras de bananeira e de pita (agave americana) e linhas diversas	Branca, lilás, verde, rosa, amarela, vermelha, creme, ocre, etc.	Marcas, cores e espessuras variadas
Portugal	-	Aloès, linho (nacional ou estrangeiro), fios de algodão cru ou mercerizado	Cores variadas	Cores e espessuras variadas
França	-	Lagetta	-	-

Fonte: Dados com base nos estudos de Ramos e Ramos (1948, p. 51)

Mediante dados do quadro 11, no Brasil, nos Estados de Ceará, Pernambuco, Alagoas-Sergipe, Piauí, Santa Catarina e Paraíba, as Rendas de Bilros são produzidas com fios de algodão, linho, seda, fibras de bananeira e de pita (agave americana) e linhas diversas, nas cores branca, lilás, verde, rosa, amarela, vermelha, creme e ocre, entre outras, de marcas e espessuras variadas; Portugal não tem suas regiões produtoras citadas, fazendo uso dos materiais Aloès, linho (nacional ou estrangeiro), e fios de algodão cru ou mercerizado de

cores e espessuras variadas; a França é citada, mas não apresenta dados sobre suas regiões produtoras, tonalidades aplicadas ou especificações acerca de suas rendas produzidas como material Lagetta.

Diante da variedade de fios e linhas, percebe-se que a Renda de Bilros enriquece sua arte, pois cada um tem finalidade específica quando aplicada adequadamente na peça desenvolvida; as linhas e fios produzidos artesanalmente ou mecanicamente a partir de matérias-primas naturais ou trabalhadas, e utilizadas na sua forma natural ou tingidas artificialmente são a base para que as tramas sejam desenvolvidas.

5.6 Os Alfinetes

Os alfinetes são acessórios que posicionados nos furos do pique (padrão), proporcionam o desenvolvimento da Renda de Bilros, servindo de base e marcando o caminho a ser preenchido pelos fios/linhas a cada ponto. A partir entrelaçamento das linhas nos alfinetes de metal, espinhos ou espinhas de peixes posicionados no pique, a renda passa a ser formada com maestria, pois os alfinetes como é denominado de uma forma geral são enroscados pelas linhas ou fios. Os alfinetes tem a função de delimitar a linha e apoiar os bilros para que a trama seja formada, eles são posicionados aos poucos, de acordo com os pontos a serem executados e reposicionados ao pique para que haja continuidade na produção da renda.

Figura 7: Espinhos de mandacaru e alfinetes de metal



Fonte: Sites: Bilro de Ouro e Mapa de cultura⁷

As imagens representam dois dos três tipos de alfinetes que seria metal, espinhos e espinhas de peixe; na primeira imagem os espinhos de estão dispostos na almofada com a Renda de Bilros em produção, enquanto a segunda imagem destaca os espinhos utilizados.

⁷ Ver sites: Disponível em: <<http://bilrodeouro.blogspot.com.br/2013/04/o-artesanato-tradicional.html>; <http://roseirarte.blogspot.com.br/2012/08/presentes-recebidos.html>> e <<http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/rendeiras-de-bilro>>. Acesso em: 17 de maio de 2017.

Na terceira imagem, são dispostos alfinetes de metal com “cabeças” coloridas, e ambos os alfinetes tem a mesma serventia.

Os alfinetes, os espinhos e as linhas utilizados na fabricação manual das Rendas de Bilros, demarcam o pique para que haja interseção da linha e posterior desenho da trama. Não sendo elaborados em metais, os alfinetes são colhidos do caule de árvores que demandam grandes espinhos, ou mesmo de espinhas grandes de peixes desempenhando a mesma função, embora seu uso seja distinto por regiões.

O tamanho e a espessura dos alfinetes, espinhos ou espinhas, são determinados em conformidade ao material (linha/fio) utilizado, tendo os alfinetes de metal cerca de 4cm, e os espinhos e as espinhas 10cm.

Quadro 12 - Os alfinetes

PAÍSES	REGIÕES	MATERIAIS	APLICAÇÕES	ESPECIFICAÇÕES
Brasil	Ceará, Alagoas, Sergipe, Bahia e Campos	Metal branco inoxidável, espinhas de peixe e espinhos de mandacaru ou jamacaru e de laranjeira	Intermediário entre a renda e o molde	Compridos e grossos ou pequenos e finos
Portugal	-	-	-	-
Espanha	-	-	-	-
França	-	-	-	-

Fonte: Dados com base nos estudos de Ramos e Ramos (1948, p. 52).

O quadro 12 apresenta três tipos de alfinetes existentes no Brasil, distribuídos entre Ceará, Alagoas, Sergipe, Bahia e Campos no Rio de Janeiro, fazendo uso de materiais como metal branco inoxidável, espinhas de peixe e espinhos de mandacaru ou jamacaru e de laranjeira, para que sejam utilizados como intermediários entre a renda em produção e o molde riscado no pique, apresentando as especificações de compridos e grossos ou pequenos e finos a serem mediadores de acordo com a linha utilizada; Ramos e Ramos também citam Portugal, Espanha e França como países que também fazem uso dos três tipos de alfinetes, embora não tenha adquirido informações que detalhassem o tipo e uso de cada.

A partir das descrições acerca dos acessórios provenientes da confecção das Rendas de Bilros pelo mundo, torna-se interessante ressaltar a distribuição das regiões brasileiras produtoras, salientando que os dados são de 1948, quando a arte estava em crescimento, podendo ter sido avançada ou regredida em algumas regiões. À época, considerava-se a confecção das Rendas de Bilros uma atividade prazerosa e rentável comum às mulheres que cuidavam dos afazeres domésticos de suas casas, tornando-se interessante exaltar as principais regiões produtoras e seus acessórios nativos.

Quadro 13 - Caracterização de acessórios das Rendas de Bilros no Brasil

REGIÕES	ALMOFADAS	BILROS	PIQUES	FIOS/LINHAS	ALFINETES
Santa Catarina	-	Peça única	-	Seda, algodão.	-
Ceará	Comporta até quatro rendeiras	Talhado em peça única, semelhante aos bilros de Alagoas	-	Fios de linho, algodão, fibra de bananeira, linha de carretel e fio industrial	Espinhos de mandacaru ou iamacaru, chegando a 10 cm de comprimento
Sergipe	Redondas de 40 a 50 cm de diâmetro por 21 cm de altura	-	-	Fibra de pita (agave americana), fibra de bananeira, linha de carretel	Espinhos de mandacaru ou iamacaru, chegando a 10 cm de comprimento
Alagoas	Redondas de 40 a 50 cm de diâmetro por 21 cm de altura	12cm de comprimento x 8 mm de haste x 20 mm da esfera	Elaborados a partir de outras rendas, gênero, livros publicados, etc.	Fios de linho, seda, algodão, fibra de bananeira, linha de carretel	Espinhos de mandacaru ou iamacaru, chegando a 10 cm de comprimento
São Paulo	-	Passaram de 12 cm para 11,5 cm	-	-	-
Bahia	-	-	-	-	Espinhos e espinhas de peixe
Campos RJ	-	-	-	-	Espinhos de laranjeira
Pernambuco	-	-	-	Fios de linho, algodão, linha de carretel	-
Piauí	-	-	-	Fios de linho, algodão	-
Paraíba	-	-	-	Seda, algodão	-
Maranhão	-	-	-	Linha de carretel	-

Fonte: Dados com base nos estudos de Ramos e Ramos (1948, pp. 46,48-52)

De acordo com o quadro 13, a região de Santa Catarina não apresenta informações de almofada, pique e alfinetes utilizados por suas rendeiras que fazem uso de bilros talhados em peça única e fios/linhas de seda e algodão.

No Ceará são desenvolvidas almofadas para comportar até quatro rendeiras, os bilros são talhados em peça única e semelhantes aos bilros de Alagoas, não especifica o pique, mas aponta fios de linho, algodão, fibra de bananeira, linha de carretel e fio industrial como matérias-primas e espinhos de mandacaru ou iamacaru como alfinetes, chegando a 10 cm de comprimento.

Em Sergipe as almofadas são redondas de 40 a 50 cm de diâmetro por 21 cm de altura, os tipos de bilros e seus piques não detêm informações, fazendo uso de fibra de pita (agave americana), fibra de bananeira e linha de carretel, e como alfinetes, espinhos de mandacaru ou jamacaru, chegando a 10 cm de comprimento.

As almofadas de Alagoas são redondas, variando de 40 a 50 cm de diâmetro por 21 cm de altura, seus bilros costumam ter 12 cm de comprimento x 8 mm de haste x 20 mm do acabamento da extremidade, seus piques são elaborados a partir de outras rendas, gênero, livros publicados, etc., seus fios são de linho, seda e algodão, suas linhas de carretel, fazendo uso também de fibra de bananeira, aplicados em espinhos de mandacaru ou jamacaru, chegando a 10 cm de comprimento.

São Paulo apresenta informação única quanto aos bilros que foram alterados de 12 cm para 11,5 cm, diferença discreta aos olhos, mas significativa para as rendeiras.

Bahia e Campos no Rio de Janeiro dispõem apenas informações dos tipos de alfinetes, sendo denominados espinhos e espinhas de peixe para Bahia e espinhos de laranjeira para campos, no Estado do Rio de Janeiro.

Em Pernambuco, Piauí, Paraíba e Maranhão as informações disponibilizadas são reduzidas ao uso de fios e linhas, cabendo a Pernambuco o uso de fios de linho, algodão e linha de carretel, à Piauí, fios de linho e algodão, à Paraíba, a seda e o algodão, e por fim Maranhão com linha de carretel.

A descrição acima detém informações importantes acerca da distribuição da confecção da Renda de Bilros à época, visto que cada região detinha materiais específicos e acessíveis a sua condição financeira. Até os dias atuais, os acessórios para a confecção desta arte continuam os mesmos, o processo de produção manual detém na elaboração do pique, sua aplicação na almofada, o posicionamento dos alfinetes, o enchimento das hastes dos bilros e a montagem sobre a almofada, para então tecer a Renda de Bilros através dos pontos que definem sua trama final.

6 TIPOS DE PONTOS DAS RENDAS DE BILROS

Para que as Rendas de Bilros tenham sentido, é preciso que haja o entrelaçamento de linhas ou fios, visto que a partir da união de pontos é possível formar a trama, chegando à Renda de Bilros em si. Os pontos são criados mediante um ponto básico, ou seja, quando um ponto guia outro, servindo de base para novos padrões, aperfeiçoamento ou distinção de pontos existentes para demarcar a arte de uma determinada região, onde a partir de então:

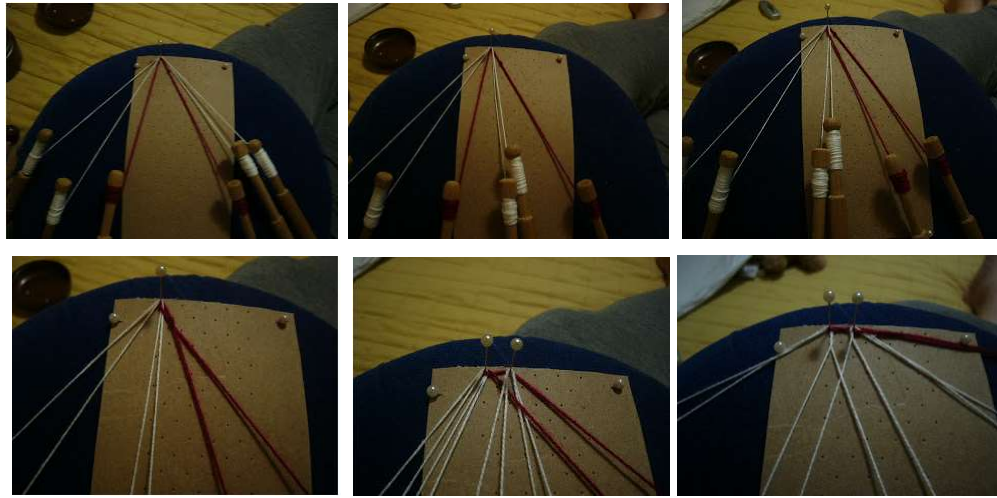
Começa então a “troca” dos bilros, o que exige grande destreza da parte da rendeira, que sustenta um par de bilros em cada mão, enquanto que os outros ficam “descansando” na “escora”, os mandacarus laterais, esperando a sua vez de entrar em função. A troca dos bilros encerra um certo número de operações, como *cruzar*, *torcer*, *trançar*, na feitura dos pontos iniciais. Para êsse fim, a rendeira imprime aos bilros movimentos de rotação, fazendo-os passar uns sobre outros, mudando-os de posição, enquanto que novos alfinetes vão fixando os pontos sucessivamente formados no pique. A mudança dos alfinetes é feita com a mão direita, passando a rendeira a sustentar nesse momento, dois pares de bilros na mão esquerda. (RAMOS; RAMOS, 1948, p. 53).

Tecer Rendas de Bilros remete a fazer arte pelas mãos de rendeiras seguras do domínio de seu trabalho, que através da concentração e experiência adquirida ao longo de seu aprendizado desenvolvem peças com graus de dificuldade diferenciados. O movimento dos bilros é determinado pelos pontos a serem aplicados na peça, quando elaborados formam padrões, e estes são diversificados e nomeados, recebendo a partir de então nomenclaturas na linguagem da região. A elaboração dos pontos matrizes denominados de *torção simples* ou *torcidinho* e *trança* como bases para o desenvolvimento dos demais pontos existentes, acontecem a partir do entrelaçamento de cada par de bilros mantido nas mãos da rendeira que o tece, enquanto os demais ficam sobrepostos à espera da vez, visto que cada par de bilros desempenha uma função.

6.1 Ponto Torção Simples ou Torcidinho

A sobreposição de dois fios define o ponto *torção simples* ou *torcidinho* como é denominado em Campos, no Estado do Rio de Janeiro, é considerado como ponto iniciante/primário que introduz os pontos durante a confecção das Rendas de Bilros, a partir do enlace das linhas semelhante ao formato de uma corda, onde os fios e linhas são enroscados entre si. Considerado o ponto mais simples, condiz com o enlace das linhas semelhante ao formato de uma corda, onde os fios e linhas são enroscados entre si.

Figura 8: Ponto Torção Simples ou Torcidinho



Fonte: Site: Blog da Marina⁸

O ponto *torção simples* ou *torcidinho* está representado sob sua forma de confecção, onde na primeira imagem os fios estão dispostos e um guia representado pela cor vermelha será cruzado pelos fios brancos; na segunda imagem, acontece o cruzamento das linhas e a **torção** dos fios brancos formando o **ponto torção**; na sequência, um novo *ponto torção* está a se formar com os fios brancos cruzando o guia que faz o *ponto torção* como mostra a imagem quatro; na quinta imagem, mais um alfinete e fios são inseridos no pique para dar sequência ao ponto torção bem visualizado na última imagem onde a renda começa a tecer.

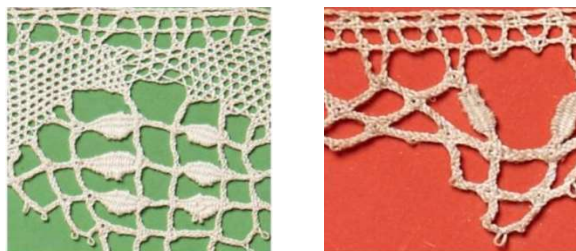
O ponto guia tem como função prender a renda em seu início, para posterior acabamento da mesma, quando incorporado à trama passa a fazer parte da mesma. Enquanto o ponto torção simples ou torcidinho inicia a confecção da Renda de Bilros, o entrelaçamento de quatro fios define a *trança* como ponto secundário que origina os demais pontos mais complexos.

6.2 Ponto Trança

A nomenclatura *trança* para o ponto foi aderido por quase todos os Estados do Brasil, e países europeus, considerado um ponto base para os demais, apresenta semelhança com o também ponto trança no crochê, tornando-se importante firmar que o ponto Trança tem em sua formação, um acabamento espesso em meio à trama trabalhada, proporcionando aos espaços maiores entre os pontos uma consistência ao bordado enquanto dispõe sustentação aos pontos a ele atrelados.

⁸ Disponível em: <<http://aracne-aracne.blogspot.com.br/2009/11/renda-de-bilros.html>>. Acesso em: 10/06/2017

Figura 9: Ponto Trança



Fonte: Girão (2013, p. 29,30)

Nas imagens, o ponto *Trança* se destaca entre os demais, formando uma espécie de teia, interligando os demais pontos; na primeira imagem está associado aos pontos traça, ponto de espinho e pano aberto, e na segunda aos pontos traça, ponto de espinho ou ponta de alfinete como também é denominado.

Quadro 14 - Ponto Trança da Renda de Bilros no Brasil e exterior.

REGIÕES	NOMENCLATURAS
Alagoas	Trança
Ceará	Trança
Sergipe	Trança
Paraíba	Trança
Pernambuco	Trança
Demais regiões (Brasil)	Trança
Portugal	Trança
França	Tresse
Itália	Treccia semplice

Fonte: Dados com base nos estudos de Ramos e Ramos (1948, p. 54)

Nos Estados de Alagoas, Ceará, Sergipe, Paraíba, Pernambuco e demais regiões produtoras da Renda de Bilros no Brasil, a nomenclatura *trança* é a mesma de Portugal, enquanto na França chama-se *tresse* e na Itália *treccia semplice*.

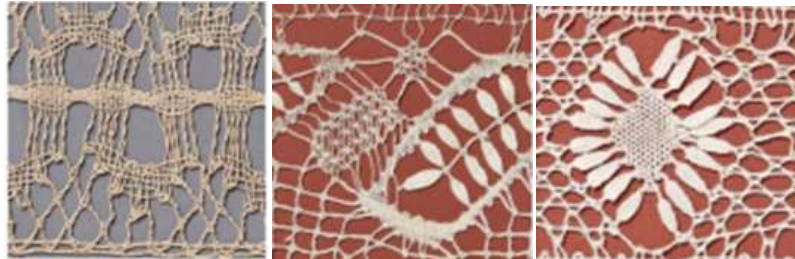
A partir do ponto *trança*, os demais pontos foram criados, recebendo nomenclaturas condizentes a imagem formada, que posteriormente foram adaptadas mediante suas formas e nomes, às regiões abrangentes à confecção da Renda de Bilros, tornando-se interessante representar os pontos por regiões, iniciando pelo ponto *Traça*.

6.3 Ponto Traça

O nome *traça* faz analogia ao inseto *traça*, pela semelhança que apresenta, sua diversidade abrange vários tamanhos, formas, formatos, e nomenclaturas diferenciadas, remetendo a figuras afins a objetos, folhas, palmas e flores, por exemplo, contribuindo então para o enriquecimento das tramas para as Rendas de Bilros. É um ponto que pode ser

introduzido nas tramas evidenciando o bordado desejado e em conjunto com uma gama de pontos.

Figura 10: Ponto Traça



Fonte: Girão (2013, p. 33,34)

Acima, o ponto traça elaborado apresenta formas diferentes no interior das tramas das três imagens, onde na primeira imagem exalta a forma arredondada em trama delicada; na segunda imagem está associado aos pontos pano-fechado, pano-aberto e trança; na terceira imagem aos pontos melindre ou ponto-de-rato, pano-aberto e traça, o que configura sua capacidade de diversidade. O ponto traça tem abrangência mundial, semelhança em suas adaptações, nomenclaturas diferenciadas e variedades do ponto em regiões brasileiras.

Quadro 15 - Variedade do ponto Traça da Renda de Bilros no Brasil e exterior

REGIÕES	PONTO	NOMENCLATURAS	VARIEDADES
Alagoas	Traça	Traça	Tijolo, tijolinho, cocada
Ceará	Traça	Barata, baratinha	Dado, bordão, dadinho
Sergipe	Traça	Palma	Tijolinho, sopapinho
Paraíba	Traça	Traça	-
Campos (Estado do Rio)	Traça	Matachinha ou bananinha	Ponto solto, laçada frouxa
Santa Catarina	Traça	Bananinha	-
Portugal	Traça	Pivide	-
França	Traça	Point d'esprit	-
Itália	Traça	Mazzolino	-

Fonte: Dados com base nos estudos de Ramos e Ramos (1948, p. 54)

No quadro 15, o ponto *Traça* recebe nomenclaturas e variáveis, permanecendo em Alagoas o nome do ponto para a nomenclatura e as variedades de tijolo, tijolinho e cocada; no Ceará recebe as nomenclaturas barata e baratinha, que detêm as variedades dado, bordão e dadinho.

Em Sergipe, chama-se palma com as variedades tijolinho e sopapinho; a Paraíba faz uso do nome *Traça* e não apresenta variedades.

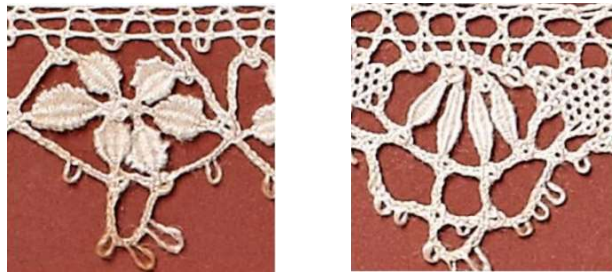
Em Campos, no Estado do Rio de Janeiro, sua nomenclatura é matachinha ou bananinha com as variedades de ponto solto, laçada frouxa; Santa Catarina, Portugal, França e

Itália não têm variedades definidas, mas suas nomenclaturas são bananinha, pivide, point d'esprit e mazzolino, respectivamente.

6.4 Ponto Solto

O ponto solto forma-se a partir da sobra de linha ou fio, formando uma espécie de saliência e realçando a Renda de Bilros como acabamento, podendo ser aplicado no interior ou nas extremidades da renda aparentando ser um ponto folgado ou sobra de linha, por se desprender dos demais pontos em tamanhos diferenciados.

Figura 11: Ponto Solto



Fonte: Girão (2013, p. 28)

O ponto solto formado a partir do entrelaçamento dos fios é apenas um ponto, porém torna-se necessário fazer a junção a outros pontos para que a trama da renda comece a ser formada. A partir de então, os fios transformam o ponto em um *pano*, sendo o *pano* um tecido que se classifica como *pano fechado* (trama toda fechada, compactada) ou *pano aberto* (trama folgada). O *pano* condiz com a formação/confecção da Renda de Bilros recebendo denominações distintas por regiões:

Quadro 16 - Denominações de *pano* para a Renda de Bilros no Brasil e exterior

REGIÕES	PANO FECHADO	PANO ABERTO
Alagoas	Paninho inteiro, pano trocado inteiro	Pano aberto, pano meio trocado
Ceará	Paninho inteiro, pano trocado inteiro	Pano aberto, pano meio trocado
Sergipe	Pano fechado ou pano batido	Pano aberto
Paraíba	-	-
Santa Catarina	-	-
Campos (Estado do Rio)	Liso	Esteirinha
Portugal	Pano, paninho, pano tapado ou tapado	Pano aberto
França	Point de toile	Poit de filet, point grille
Itália	Fondo di tela	Fondo reticella

Fonte: Dados com base nos estudos de Ramos e Ramos (1948, p. 55)

Quanto aos panos utilizados na confecção das Rendas de Bilros, o quadro 16 aponta Alagoas e Ceará como regiões onde o *pano fechado* é paninho inteiro, pano trocado inteiro, e o *pano aberto* é pano aberto, pano meio trocado.

Em Sergipe, o *pano fechado* é pano fechado ou pano batido, e o *pano aberto* recebe esse mesmo nome.

Paraíba e Santa Catarina não recebem denominações para *pano fechado* e *pano aberto*, mas Campos no Rio de Janeiro considera *pano fechado* como liso e *pano aberto* como esteirinha; em Portugal, *pano fechado* é pano, paninho, pano tapado ou tapado, e *pano aberto* recebe o mesmo nome.

Na França, *pano fechado* é Point de toile e *pano aberto* 'poit de filet, point grille; na Itália *pano fechado* é fondo di tela e *pano aberto* Fondo reticella.

O *pano fechado* e o *pano aberto* representam estilos para as Rendas de Bilros, a base para o desenvolvimento de uma diversidade de pontos, a partir de diversos tipos/modelos de fundos de retícula desenvolvidos a partir de malhas hexagonais, quadrangulares e quadradas regulares, entre outras, distribuídos entre o Brasil e o exterior da seguinte forma:

Quadro 17 - Tipos de pontos e fundos de retículas para a Renda de Bilros no Brasil e exterior

REGIÕES	PONTOS	NOMENCLATURAS	ESPECIFICAÇÕES
Nordeste	Filó	Filó	Retícula de malhas regulares, hexagonais
Europa	Filó	Tulle	Retícula de malhas regulares, hexagonais
Alagoas	Coentro	Cuento	Retícula de malha quadrangulares
Alagoas	Coentro	Coentro trocado dobrado	Retícula de malha quadrangulares
França	Coentro	Point torchon ou point réseau	Retícula de malha quadrangulares
Itália	Coentro	Punto a reticulato ou punto a canovaccio	Retícula de malha quadrangulares
Itália	Coentro	Punto di Bruxelles	Retícula de malha quadrangulares
Alagoas	Barafunda	Barafunda	Retícula mais complexa
França	Barafunda	Point à la vierge simple	Retícula mais complexa
Itália	Barafunda	Fondo a canniccio	Retícula mais complexa
Alagoas	Ponto de rato	Ponto de rato	-
Alagoas/Sergipe	Ponto de rato	Melindre	-
França	Melindre	Point quadrillé croisé	-
Itália	Melindre	Punto di rosa	-
Sergipe	Meia pancada	Meia pancada	-
França	Meia pancada	Point de Dieppe	-
Sergipe	Cuentinho	Cuentinho	-
França	Cuentinho	Point à la vierge biaisé	-
Nordeste	Grade	Grade	Malhas quadradas regulares
Portugal	Grade	Grade	Malhas quadradas regulares
França	Grade	Point quadrillé	Malhas quadradas regulares
Alagoas/Ceará/Sergipe	C... de pinto	C... de pinto	-
França	C... de pinto	Oeillets	-
Alagoas, Sergipe	Mosca ou aranha	Mosca ou aranha	-
Estado do Rio	Mosca	Caramujinho	-
Todas as regiões	Ourela	Orela	-

Fonte: Dados com base nos estudos de Ramos e Ramos (1948, pp. 55,56)

O quadro 17 representa os tipos de pontos e os fundos de retícula aplicados nas Rendas de Bilros durante sua confecção no Brasil e exterior, apresentando denominações para países, estados e regiões, a começar pelo nordeste onde o ponto *filó* não muda sua nomenclatura, fazendo uso de retícula de malhas regulares, hexagonais.

Na Europa, apenas a nomenclatura do ponto *filó* passa a ser *tulle*, igualando-se ao Nordeste quanto às especificações; o ponto *coentro* está presente em Alagoas, França e Itália, cuja Renda de Bilros faz uso de retícula de malha quadrangulares e nomenclaturas diferenciadas, sendo *cuento* e *coentro trocado dobrado* em Alagoas, *point torchon* ou *point réseau* na França, e *punto a reticulato* ou *punto a canovaccio* e *punto di Bruxelles* na Itália; em Alagoas, França e Itália, o ponto *barafunda* de retícula mais complexa, recebe a mesma nomenclatura em Alagoas, *point à la vierge simple* na França e *fondo a canniccio* na Itália.

O ponto de rato presente em Alagoas e Sergipe também faz uso da nomenclatura *melindre*, sem especificações de fundo de retícula, como acontece com o ponto *melindre* utilizado na França e na Itália sob as nomenclaturas *point quadrillé croisé* e *punto di rosa*, respectivamente; em Sergipe, os pontos *meia pancada* e *cuentinho* não aderiram à uma nova nomenclatura como aconteceu na França, com o *point de Dieppe* para o ponto *meia pancada* e o *Point à la vierge biaisé* para o ponto *cuentinho*, estando todos sem apontamentos dos fundos de retículas utilizados.

No Nordeste, em Portugal e na França, o ponto *grade* confeccionado em malhas quadradas regulares, muda sua nomenclatura apenas na França ao ser chamado de *point quadrillé*.

O ponto nomeado *C... de pinto* em Alagoas, Ceará e Sergipe passa a ser *Oeillets* na França, o nome do ponto *mosca* ou *aranha* é mantido em Alagoas e Sergipe, enquanto no estado do Rio de Janeiro o ponto *mosca* recebe o nome de *caramujinho*, sendo comum a todas as regiões o ponto *ourela* conhecido por *orela*; havendo, portanto, ausência de informações dos fundos de retícula aplicados nos últimos pontos *C... de pinto*, *mosca* ou *aranha*, *mosca* e *ourela* mencionados.

As retículas aplicadas nas Rendas de Bilros referem-se ao fundo/base da renda, aos quais os desenhos das tramas se sobressaem mediante a diversidade de pontos aplicados, visto que cada possui singularidades. Dentre os pontos mais comuns está o ponto *cordão*, elaborado com fio mais espesso a destacar-se por proporcionar alto-relevo total ou parcial a Renda de Bilros a partir de traços superficiais e/ou integrados à renda.

6.5 Ponto Cordão

Como sugere o nome, o ponto cordão se salienta dos demais pontos por sobressair em elevação ou cortando os demais pontos enquanto realça a trama; sua nomenclatura o associa ao cordão de algodão pela semelhança em sua forma rústica e espessura.

Figura 12: Ponto Cordão



Fonte: Girão (2013, pp. 28,32,33)

Nas imagens acima, o *ponto cordão* aplicado na trama das Rendas de Bilros, representa três momentos ao qual está associado a outros pontos, apresentando diferentes formas, espessuras de fios e linhas, e flexibilidade de movimentos, denotando destaque com exemplos de como pode ser versátil e valorizar a renda. Nos três momentos, o ponto cordão está associado a outros pontos e aplicado de forma diferenciada, onde na primeira imagem ele alinhava a renda, na segunda imagem é entrelaçado aos outros pontos e na terceira imagem está em auto relevo sobre a renda, realçando parte da trama.

Mediante análise sobre os pontos designados, Ramos e Ramos (1948, p.56) afirmam:

Todos esses pontos contribuem a formar o desenho da renda, de uma grande variedade de padrões, baseados na nossa flora e fauna em desenhos geométricos e figuras de fontes européias e modificadas pela nossa rendeira popular. São linhas sinuosas e quebradas, linhas sinuosas de movimentos opostos, gregas, círculos olímpicos imbricados, ogivas, zigue-zagues, quadrados, losangos, triângulos, ovais, flores, folhas, trevos de quatro folhas, cestas, rosas, margaridas, palmas, corações, meias-luas, estrelas, de 4, 5 e 6 pontas, frutas, borboletas, ferraduras e cabeça de cavalo, estes últimos padrões típicos de Santa Catarina... RAMOS e RAMOS (1948, p. 56,57).

A descrição dos autores acerca dos pontos e formas associados as Renda de Bilros, exprimem uma diversidade de nomenclaturas criadas ou adaptadas pelas rendeiras, envolvendo desde nomes simples a associações inusitadas, sendo diferenciadas pelas regiões como aponta os registros da Coleção Luiza Ramos que segue:

Quadro 18 - Nomes populares dos padrões das Rendas de Bilros da Coleção Luiza Ramos no Brasil

REGIÕES	PADRÕES POPULARES	PADRÕES/NOMES
Alagoas	Amor em pedaços , Agripu ou Gripi, Aranha presa na corrente, Bolachinha, Bucho de catenga, Caracol , Casa de Aranha, Casca de cobra, Corrente , Cotovelo, Croton, C... de pinto (ponto e padrão), C... de periquito, Dente de caranguejeira, Esbarre, Escada de palácio, Espetada de muçu, Esses (S S S), Estrada de ferro, Estrela matutina, Farofa, Flor de mamão, Grega, Jasmim, Ponta de Leque, Mão de onça, Medalha, Melindre ou Ponto de rato, Melindre cacheado, Muleta, Ôlho (ôio) de jandaia ou Papagaio, Palma, Ponta de ferro, Sobrancelha, Sobrec... de pinto, Tapioca sem coco, Unha de preguiça...	Expressões líricas como Amizade, Boa Noite, Sinceridade, Amor... ou símbolos sacros nas letras JHS
Ceará	Alegria do pobre, Amor em pedaços , Bogari, Bunda de sapo, C... de pinto (ponto e padrão), Caracol , Carolina, Casco de burro, China, Cobrinha, Copinho, Corrente , Costela, Crisantemo, Cruzeiro e Cruzeiro pequeno, Dado, Dadinho, Estrela do mar, Folha do mar, Girassol, Grega Sutaxe, Grelô, Itália, Lua pequena, Luazinha, Margarida, Margaridão , Margaridinha, Maria Bonita, Miolo, Orelha de burro, Olho de pombo, Olhinho, Palha de coqueiro, Pata de siri, Pé de galinha, Peixinho, Pequeno-grande, Prato pequeno, Rabo de pato, Tijolinho (mesmo nome do ponto), Tijolinho de pano, Tripa de porco...	Letra 'P' maiúscula e os nomes Saudade, Amizade, Boa Noite, Raimunda e demais nomes próprios
Sergipe	Aranha (ponto e padrão), Bico de coco, Caracol , C... de pinto (ponto e padrão), Espinha de peixe, França, Jasmim, Mosca (ponto e padrão), Mosquitinho-e-boa-noite, Oitos (rendas em 8 8 8 deitados), Olho de pombo, Olho de periquito, Pilãozinho...	-
Paraíba	Amor em pedaços , Margaridão e Estrada de ferro	-
Bahia	Boca de sapo	-
Estado do Rio (Campos)	Cocadinha, C... de sapo, Leque, Porta de Igreja, Ventania, Xadrez...	-
Santa Catarina	Boca de sino e Abacaxi	-
Pernambuco	Coqueiro	-
Piauí	-	Saudade

Fonte: Dados com base nos estudos de Ramos e Ramos (1948, p. 57,58)

Luiza Ramos acolheu em sua coleção uma gama de padrões de Rendas de Bilros do Brasil nos Estados de Alagoas, Ceará, Sergipe, Paraíba, Bahia, Campos - Estado do Rio de Janeiro, Santa Catarina, Pernambuco e Piauí. Em alagoas, os padrões populares são **Amor em pedaços**, Agripu ou Gripi, Aranha presa na corrente, Bolachinha, Bucho de catenga, **Caracol**, Casa de Aranha, Casca de cobra, **Corrente**, Cotovelo, Croton, C... de pinto (ponto e padrão), C... de periquito, Dente de caranguejeira, Esbarre, Escada de palácio, Espetada de muçu, Esses (S S S), Estrada de ferro, Estrela matutina, Farofa, Flor de mamão, Grega, Jasmim, Ponta de Leque, Mão de onça, Medalha, Melindre ou Ponto de rato, Melindre cacheado,

Muleta, Ôlho (ôio) de jandaia ou Papagaio, Palma, Ponta de ferro, Sobrancelha, Sobrec... de pinto, Tapioca sem coco e Unha de preguiça, entre outros não classificados, e expressões líricas como Amizade, Boa Noite, Sinceridade, Amor... ou símbolos sacros nas letras JHS; no Estado do Ceará, os padrões denominam-se Alegria do pobre, **Amor em pedaços**, Bogari, Bunda de sapo, C... de pinto (ponto e padrão), **Caracol**, Carolina, Casco de burro, China, Cobrinha, Copinho, **Corrente**, Costela, Crisantemo, Cruzeiro e Cruzeiro pequeno, Dado, Dadinho, Estrela do mar, Folha do mar, Girassol, Grega Sutaxe, Grelô, Itália, Lua pequena, Luazinha, Margarida, **Margaridão**, Margaridinha, Maria Bonita, Miolo, Orelha de burro, Olho de pombo, Olhinho, Palha de coqueiro, Pata de siri, Pé de galinha, Peixinho, Pequeno-grande, Prato pequeno, Rabo de pato, Tijolinho (mesmo nome do ponto), Tijolinho de pano, Tripa de porco, etc., fazendo também o uso da Letra 'P' maiúscula e dos nomes Saudade, Amizade, Boa Noite, Raimunda e demais nomes próprios; os padrões populares de Sergipe abrangem Aranha (ponto e padrão), Bico de coco, **Caracol**, C... de pinto (ponto e padrão), Espinha de peixe, França, Jasmim, Mosca (ponto e padrão), Mosquitinho-e-boa-noite, Oitos (rendas em 8 8 8 deitados), Olho de pombo, Olho de periquito e Pilãozinho, entre outros pontos existentes e não citados; os pontos **Amor em pedaços**, **Margaridão** e Estrada de ferro aplicados nas Rendas de Bilros da Paraíba contrastam com os pontos desenvolvidos pelos Estados acima citados, sendo acompanhada pela Bahia com o ponto único citado Boca de sapo; em Campos, no Estado do Rio de Janeiro, os pontos Cocadinha, C... de sapo, Leque, Porta de Igreja, Ventania, Xadrez, são exemplos entre outros não identificados; Santa Catarina apresenta os pontos Boca de sino e Abacaxi, e Pernambuco o ponto Coqueiro, enquanto no Piauí não apresenta padrões populares, apenas a palavra Saudade como padrão de nome desenvolvido pela região.

As nomenclaturas citadas exprimem uma porcentagem entre as existentes no mundo, a descrição aponta que existem pontos que também são padrões a exemplo de C... de pinto e Mosca. Algumas regiões fazem uso de mesmo nome para os padrões Amor em pedaços, Caracol, Corrente e Margaridão como destacados em negrito, havendo também regiões que usam nomenclaturas com variáveis semelhantes como segue:

Quadro 19 - Variáveis dos padrões das Rendas de Bilros da Coleção Luiza Ramos

REGIÕES	NOMENCLATURAS	VARIÁVEIS
Alagoas	Estrela matutina	-
Ceará	Estrela matutina	Estrela do mar
Ceará	Olho de pombo	Olhinho
Sergipe	Olho de pombo	Olho de periquito
Alagoas	Olho de pombo	Olho de jandaia
Alagoas	Estrada de ferro	-
Paraíba	Estrada de ferro	-
Ceará	Estrada de ferro	Trilho de ferro
Alagoas	Cocada	-
Estado do Rio	Cocada	Cocadinha
Alagoas	Ponta de leque	-
Estado do Rio	Ponta de leque	Leque

Fonte: Dados com base nos estudos de Ramos e Ramos (1948, p. 59)

No quadro 19, estão distribuídas as nomenclaturas e as variáveis existentes relacionadas às Rendas de Bilros desenvolvidas em Alagoas, Ceará, Sergipe, Paraíba e Estado do Rio, iniciando por alagoas e Ceará com a nomenclatura *estrela matutina* denominada *estrela do mar* apenas no Ceará.

A nomenclatura *olho de pombo* presente em Ceará, Sergipe e Alagoas passa a ser *olhinho*, *olho de periquito* e *olho de Jandaia*, respectivamente.

Nos Estados de Alagoas e Paraíba, a nomenclatura *estrada de ferro* não recebe variação de nome, ao contrário do Ceará que a nomeou de *trilho de ferro*.

O ponto *cocada* está presente em Alagoas com o mesmo nome e no Estado do Rio como *cocadinha*.

O ponto *ponta de leque* é mencionado no estado de Alagoas com o mesmo nome e no Estado do Rio como *leque*. As classificações até então descritas sobre mudança de nomenclatura advém da necessidade de cada região buscar o reconhecimento de sua arte e marcar seu território mediante sua cultura.

As Rendas de Bilros passam por adequações quanto as suas nomenclaturas, pontos e padrões, visto que as rendeiras adaptam a arte de fazer renda à cultura de sua região, classificando os padrões e os pontos das rendas com nomes comuns aos costumes cotidianos de convivência diária da comunidade. Em sua maioria, as novas nomenclaturas são representadas por parte ou adicional ao nome da nomenclatura anterior, por diminutivos ou aumentativos, por exemplo, proporcionando a associação ao ponto/padrão existente pela semelhança das tramas quando adaptadas, sendo importante enfatizar que os *pontos* e *padrões* constituem a cultura da arte de fazer Rendas de Bilros, cujo trabalho demanda inquietação das rendeiras em busca de valores culturais da arte.

A trama remete à cultura popular, desenvolvida por rendeiras de forma artesanal e fazendo uso de linhas e fios, pique (molde/padrão), almofadas de diferentes formatos e tamanhos, bilros, alfinetes, caixote (base para sustentação da almofada), considerados suportes essenciais para a confecção manual da renda, visto que existe a confecção mecânica que agrega tempo e valores inferiores para a elaboração da renda de bilros, provocando a desvalorização do trabalho das rendeiras.

A execução da Renda de Bilros exige dedicação, concentração e prática, dentre outros fatores, por parte das rendeiras que fazem uso de técnicas equivalentes a cada trabalho elaborado. Os pontos tem sua singularidade durante o desenvolvimento das tramas, tendo sido em sua maioria, herança de uma geração de rendeiras cuja vivência fora adquirida através de seus antepassados, e repassadas para as gerações subsequentes que agregam valores a confecção da renda para sua comunidade e memória da cultura local.

7 O ACERVO DAS RENDAS DE BILROS DO NUPPO / UFPB

O Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular (NUPPO)⁹ foi criado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) em 19 de agosto de 1978, sendo um órgão ligado à Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários, através da Coordenação de Extensão Cultural (PRAC/COEX). Recebe destaque quanto ao estudo da Cultura Popular da Paraíba e Estados vizinhos onde mantém, desde sua criação e através de estudantes, professores e servidores da UFPB, o resgate à memória da Cultura Popular através de pesquisas e exposição de obras nas áreas de Literatura, artes, Etnografia, Música, História, Geografia, Antropologia, Sociologia e Linguística, entre outras áreas, advindas de doação e expostas como memória de uma época. O NUPPO tem sob sua responsabilidade a guarda e manutenção de um acervo composto por memórias pessoais de artistas e intelectuais brasileiros, distribuídos entre a Biblioteca Altimar Pimentel, o Arquivo e a Coleção de Artes Visuais, contendo: obras raras de artistas populares como Tota e Maria dos Bichos, coleção de ex-votos, folhetos de cordel, livros manuscritos, audiovisuais de entrevistas com poetas, brincantes, artesanatos diversos, gravação da jornada de contos populares com uma das melhores contadoras de contos populares, fotografias raras sobre eventos ligados as culturas populares, fitas K-7, fitas rolos, CD e DVD.

O NUPPO é Núcleo de Pesquisa, que preserva um acervo de grande importância para o patrimônio da UFPB. Permite que pesquisadores revisitem a memória de artesanatos da cultura popular local e nordestino, ocupando um ambiente do andar térreo do prédio da Reitoria no Campus I da UFPB.

Dentre todos os objetos informacionais existentes no NUPPO, esta pesquisa trilhou o caminho da descrição das Rendas de Bilros.

O acervo das Rendas de Bilros é composto por noventa e dois (92) tipos de pontos com tamanho correspondente a pelo menos dez centímetros de extensão. Foram confeccionados manualmente e representam parte da ampla diversidade existente na trama das Rendas de Bilros.

⁹ NUPPO. 2015. Disponível em: <<http://nuppoufpb.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 05/12/2015

Figura 13: Os pontos das Rendas de Bilros existentes no acervo do NUPPO/UFPB



Fonte: Dados da pesquisa (2017)

As Rendas de Bilros do NUPPO estão agrupadas em uma moldura de vidro, medindo 0,98cm x 0,60cm, organizadas em tamanhos e larguras diferenciadas entre si, representando parte da diversidade de pontos/tramas dos pontos de Rendas de Bilros existentes no mundo. As rendas são exemplares confeccionados na cor branca por rendeiras não especificadas por ausência de registros, sob a forma de bicos e entremeios.

As peças de bicos apresentam um acabamento irregular em um dos lados, mas uniforme em sincronia com o modelo da trama, formando acabamento para a renda ao ser costurado por um dos lados dando acabamento a borda do tecido, enquanto o entremeio possui os lados iguais e em linha reta e com trama ajustada a ser aplicado entre tecidos ou sobre tecidos formando um viés.

A partir das peças de bicos e entremeios expostas no NUPPO através de um quadro condicionam à análises individuais quanto ao ponto empregado e sua origem, o tipo de confecção, se manual ou mecânica, largura, tamanho da peça, cor, linha utilizada e autoria (quando houver) para que sejam identificadas. São rendas que apresentam uma diversidade de pontos a serem identificados como fonte de registro de uma época, cuja arte vem sendo executada hoje por uma minoria de rendeiras no Estado da Paraíba, representando um expressivo trabalho de dedicação e tramas diferenciadas, que mediante análise, os pontos podem ser nativos, novos, já elaborados por outras gerações de rendeiras ou mesmo inspirados em pontos existentes.

8 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa caracteriza-se como **documental** por ter como objeto de estudo as Rendas de Bilros do NUPPO, como documento tridimensional da cultura popular e ter um sentido e significado para a instituição, além de documentos provenientes da construção do acervo.

Caracteriza-se ainda por ser uma pesquisa **bibliográfica** que segundo Nascimento (2002, p. 81), “baseia-se nas contribuições dos diversos autores que já abordaram a questão. De uma forma ou de outra, toda pesquisa utiliza-se da pesquisa bibliográfica, seja para definir melhor o tema, seja para construir a revisão de literatura”. De acordo com Lakatos; Marconi (1986, p. 151), a pesquisa bibliográfica também se define como “um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema”. Para Lakatos e Marconi, a literatura estudada também colabora como uma fonte expansiva de informações, formando o objeto de estudo em uma base concreta de dados relevantes e inéditos sempre que recuperado e disseminado.

O embasamento teórico da pesquisa teve como fonte principal o livro: “A Renda de Bilros e sua aculturação no Brasil” de Arthur Ramos e Luiza Ramos do ano de 1948, por representar significativamente a produção desta arte mundialmente conhecida, além da Coleção Luiza Ramos, a pesquisa elaborada por Valdelice Carneiro Girão e a Revista Brasileira de Folclore contribuem com a identificação das peças de Rendas de Bilros estudadas.

E de acordo com o objeto de investigação a pesquisa é **exploratória**, Nascimento (2002, p.73), afirma que este tipo de pesquisa permite um aprofundamento sobre a temática pesquisada tendo em vista o pesquisador não ter informações suficientes para o desenvolvimento da investigação, afirma ainda que é minuciosa e condiz com a busca incessante de informações em áreas afins ao assunto, dessa forma, nesta pesquisa, o objeto explorado são as Rendas de Bilros, em especial do acervo do NUPPO.

É do tipo **descritiva**, pois segundo Gil (1999), a pesquisa descritiva refere-se primordialmente a descrever as características de um fenômeno ou população. Desta feita, observa-se, então, que esta pesquisa está de acordo com o que menciona o autor, pois na coleta de dados pode-se descrever as Rendas de Bilros, a partir de padrões de dados estabelecidos em catalogação de documentos.

De abordagem **qualitativa**, a pesquisa apresenta uma relação entre as Rendas de Bilros enquanto objeto da pesquisa e sua abrangência informacional, a partir da descrição de seus dados. Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa aborda o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, aprofundando os processos e os fenômenos da investigação.

A coleta dos dados foi realizada a partir da técnica de entrevista e da construção de um modelo de descrição das Rendas de Bilros. A entrevista foi bastante adequada para obtenção de informações sobre o contexto histórico das rendas. Segundo Gil (1999) a entrevista “o investigador se encontra de frente ao investigado e lhe formula perguntas com o objetivo de obtenção dos dados que lhe interessam”. Com relação ao modelo de descrição, tomamos como base o Código AACR2.

9 ORGANIZAÇÃO E COLETA DE DADOS

Para o entendimento da representação descritiva das Rendas de Bilros expostas no NUPPO, foi necessário realizar a entrevista como instrumento de coleta de dados da pesquisa.

Dos noventa e dois (92) tipos de Rendas de Bilros existentes no NUPPO, foram escolhidos dezesseis (16) tipos, tendo em vista terem características diferenciadas. Os outros pontos não descritos têm características que podem ser entendidas a partir das peças representadas descritivamente.

Foram realizadas duas entrevistas a funcionários do NUPPO que têm aprofundamento sobre a história do acervo deste Núcleo de pesquisa. As entrevistas foram fundamentais no sentido da definição dos dados informacionais representativos para a recuperação informacional das Rendas de Bilros, além de conhecer sobre a história de aquisição desse acervo.

A organização dos dados foi dividida em duas partes: a primeira foi dedicada ao entendimento dos entrevistados sobre as rendas de Bilros e sua historicidade. Dessa forma, as questões foram elencadas em tópicos e analisadas a partir das respostas dos entrevistados.

Como compreensão da historicidade das rendas de Bilros pode-se verificar:

a) Tempo de trabalho no NUPPO

Das duas pessoas entrevistadas, uma delas faz trinta e sete anos e a outra dez anos.

b) Ano e forma de aquisição do acervo das Rendas de Bilros no NUPPO

De acordo com as entrevistas as Rendas de Bilros estão no NUPPO desde sua fundação em 1978, tendo sido doadas por artesãs de Alagoa Nova e Alagoa Grande, entre outras regiões do interior da Paraíba. Neste mesmo período o coordenador do NUPPO Osvaldo Meira solicitou as artesãs amostras das rendas por elas produzidas unindo-as em um quadro para exposição. A doação aconteceu de forma espontânea por se tratar de um setor de cultura, em paralelo as peças produzidas para venda na lojinha do NUPPO, onde as rendeiras tinham a oportunidade de divulgar seu trabalho, onde cada uma trabalhava um ponto diferente. As rendeiras confeccionavam as rendas para realização de oficinas no NUPPO. As rendeiras trabalham em cooperativas mediadoras na negociação das peças de rendas divulgando seus produtos e mantendo a cultura das Rendas de Bilros.

c) As Rendas de Bilros adquiridas ainda continuam todas no acervo

A resposta para a pergunta deste tópico foi no sentido afirmativo de que todas as peças continuam no acervo desde sua aquisição.

d) Registro documental referente a dados descritivos das rendas do acervo

Esta pergunta foi respondida de acordo com o que havia sido percebido nas visitas pela pesquisadora ao NUPPO. As rendas têm registro documental oral e vivo que são as pessoas que trabalham no NUPPO.

e) Inventário do acervo das Rendas de Bilros

Com relação a este tópico foi que há aproximadamente trinta anos, a Professora da UFPB, Isa Maia e coordenadora do NUPPO na época, realizou uma pesquisa sobre as rendas de Bilros em todo o Estado da Paraíba e provavelmente pode ter realizado alguma descrição, porém sem nenhum registro no NUPPO.

f) Disponibilização de acessórios para a confecção das Rendas de Bilros no NUPPO

O NUPPO dispõe de acessórios como: almofada com Bilros e o suporte. Todos estão em exposição no próprio NUPPO.

g) Informações acrescidas do entrevistado sobre o acervo das Rendas de Bilros do NUPPO.

As pessoas entrevistadas tem um sentimento muito forte pelas rendas, pois foram além da entrevista ao relatar informações relevantes como:

“A beleza das Rendas de Bilros depende da linha utilizada pelas artesãs proporcionando desde o acabamento rústico ao delicado”.

“Flandres, na Bélgica é considerada a base para a expansão de todas as rendas acompanhada da Holanda, tendo relação direta com a Europa e o Brasil, tendo Pesqueira como polo de confecção. Que temos nossos caminhos de renda via Portugal e sob influência de Flandres, trazendo a tradição do Brasil colônia pra gente mediante área costeira do Nordeste Rio de Janeiro e Sul (bem depois), surgindo então nomenclaturas diferentes para as rendas. Na Paraíba, Monteiro tem um polo forte de renda desde a época de D. Pedro II, quando os marinheiros doaram terra aos Assorianos em Santa Luzia. Embora a confecção da Renda de Bilros seja uma atividade feminina em sua amplitude, já foi produzida por homens em tempos de economia remota evitando se expor. A Renda de Bilro agrega a identidade da rendeira e cada uma tem sua singularidade de feitio tornando cada renda diferente embora faça uso de mesmos pontos. Isa Maia é paraibana, nascida em João Pessoa, tendo sido coordenadora do NUPPO e pesquisadora das rendas do Brasil”.


A segunda etapa da organização dos dados da pesquisa das Rendas de Bilros existentes no acervo do NUPPO foi realizada a partir da elaboração de um quadro dividido em cinco partes, sendo na margem superior do quadro a apresentação da renda sob a forma de

fotografia individual, destacando cada ponto por ela representada. Logo abaixo, foram elaboradas três colunas, na coluna da esquerda cada renda está identificada na ordem crescente do 01 ao 16; as duas colunas seguintes fazem a descrição a partir de modelos já existentes por pesquisadores da área como Arthur Ramos, Luiza Ramos, Isa Maia e Valdelice Carneiro Girão, que contribuíram com um acervo significativo das Rendas de Bilros, além de ter recorrido ao Código de Catalogação AACR2, com vistas ao padrão adotado a partir das suas áreas de descrições e pontos de acesso. Na parte inferior do quadro consta informações e especificações adicionais coletadas da renda apresentada.

9. 1 Representação Descritiva das Rendas de Bilros do NUPPO - UFPB


A descrição das Rendas foi elaborada a partir dos dados extraídos dos livros e catálogo utilizados como fonte principal. Foi utilizada também a descrição baseada no modelo de catalogação de documentos do Código AACR2. Devido as rendas não terem todos os dados registrados no NUPPO, a catalogação em muitos casos ficou incompleta, em especial a autoria das rendas que não existe em nenhuma renda. A autoria é desconhecida. Para aquisição dos dados informacionais de cada renda fez-se necessário também o comparativo visual com as rendas já identificadas e registradas pelos pesquisadores da área identificados anteriormente. Portanto, a identificação que segue para cada Renda de Bilros pode divergir entre regiões, visto que cada buscou associar a produção de sua renda a sua cultura e linguagem popular associados ao cotidiano local.

Quadro 20 - Renda sobancelha

01		
	Nomenclatura: sobancelha	<p>Renda de Bilro [Artesanato manual]. Sobancelha. Pontos coentro e pano fechado. _ Alagoas, 1946. 15mm.</p> <p>Peça de um tipo de renda de Bilros do acervo do NUPPO</p> <p>1.Renda de Bilros. 2. Cultura popular. 3. NUPPO. I. Título.</p>
	Origem: Maceió – Alagoas	
	Ponto: coentro e pano fechado	
	Bilros: não especificado	
	Descrição física: 15 mm	
	Linha: não especificada	
	Ano: 1946	
	Notas: não especificada	
O bico de renda confeccionado em linha branca e tramas abertas, não apresenta especificações da quantidade de bilros utilizados, linha e notas.		


Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Quadro 21- Nomenclatura desconhecida

02		
	Nomenclatura: não especificada	<p>Renda de Bilro [Artesanato manual]. Pontos trança, ponto aberto e ponto fechado. _ Alagoas, 1946. 15 pares de Bilros. 35mm.</p> <p>Peça de um tipo de renda de Bilros do acervo do NUPPO</p> <p>1.Renda de Bilros. 2. Cultura popular. 3. NUPPO. I. Título.</p>
	Origem: Maceió – Alagoas	
	Ponto: coentro, trança, ponto aberto e ponto fechado	
	Bilros: 15 pares	
	Descrição física: 35 mm	
	Linha: não especificada	
	Ano: 1946	
	Notas: não especificada	
O bico de renda possui trama mesclada de ponto aberto e fechado e não apresenta descrição de nomenclatura, linha e notas.		

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Quadro 22 - Renda Quitéria, balança

03		
	Nomenclatura: Quitéria, balança	<p>Renda de Bilro [Artesanato manual]. Quitéria, balança. Pontos trocado, cordão, pano-fechado e pano-aberto. _ Ceará, 1946. 25 pares de Bilros. 50 mm.</p> <p>Peça de um tipo de renda de Bilros do acervo do NUPPO</p> <p>1.Renda de Bilros. 2. Cultura popular. 3. NUPPO. I. Título.</p>
	Origem: Ceará	
	Ponto: Trocado, cordão, pano-fechado e pano-aberto	
	Bilros: 25 pares	
	Descrição física: 50 mm	
	Linha: não especificada	
	Ano: 1948	
Notas: não especificada		
Bico de renda elaborado a partir dos pontos trocado, cordão, pano-fechado e pano-aberto, não especificando a linha utilizada e notas.		


Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Quadro 23 - Renda Quitéria

04		
	Nomenclatura: Quitéria	<p>Renda de Bilro [Artesanato manual]. Quitéria. Pontos pano meio-trocado, trança e cordão. _ Ceará. 23 pares de Bilros. 45 mm. Linha Singer nº 30 e esterlina nº 10.</p> <p>Peça de um tipo de renda de Bilros do acervo do NUPPO</p> <p>1.Renda de Bilros. 2. Cultura popular. 3. NUPPO. I. Título.</p>
	Origem: Ceará	
	Ponto: pano meio-trocado, trança e cordão	
	Bilros: 23 pares	
	Descrição física: 45 mm	
	Linha: Singer nº 30 e esterlina nº 10	
	Ano: não especificado	
Notas: não especificada		
O bico de renda tem sua trama sincronizada com motivos geométricos, bordas arredondadas e realce com o ponto cordão, sem especificação de ano de feitura e notas.		


Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Quadro 24 - Renda bico rico ou ponta-de-ouro

05		
	Nomenclatura: bico rico ou ponta-de-ouro	<p>Renda de Bilro [Artesanato manual]. Bico rico ou ponta-de-ouro. Pontos pano meio-trocado, trança e cordão. 8 pares de Bilros. 45 mm. Linha Singer nº 30, cairel torcido.</p> <p>Peça de um tipo de renda de Bilros do acervo do NUPPO</p> <p>1. Renda de Bilros. 2. Cultura popular. 3. NUPPO. I. Título.</p>
	Origem: não especificada	
	Ponto: pano-meio-trocado, carreira e cordão	
	Bilros: 8 pares e 1 bilro = 17 unidades	
	Descrição física: 15mm	
	Linha: Singer nº 30, cairel torcido	
	Ano: não especificado	
	Notas: a trama faz uso de 1 bilro sem seu par; a segunda imagem possui mancha	
O bico de renda apresenta em sua trama ponto cordão evidenciado nas bordas, não havendo especificações de origem, ano e notas.		

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Quadro 25 - Renda jasmim

06		
	Nomenclatura: jasmim	<p>Renda de Bilro [Artesanato manual]. Jasmim. Pontos carreira aberta, pano-meio-trocado, cordão e ponta-de-prata. Pacajus. 15 pares de Bilros. 35 mm. Linha Singer nº 50, meada brilhante.</p> <p>Peça de um tipo de renda de Bilros do acervo do NUPPO</p> <p>1. Renda de Bilros. 2. Cultura popular. 3. NUPPO. I. Título.</p>
	Origem: Pacajus	
	Ponto: carreira aberta, pano-meio-trocado, cordão e ponta-de-prata	
	Bilros: 15 pares	
	Descrição física: 35 mm	
	Linha: Singer nº 50, meada brilhante	
	Ano: não especificado	
	Notas: não especificada	
O entremeio de renda apresenta apenas um desenho sincronizado em sua trama, não especificando ano e notas.		

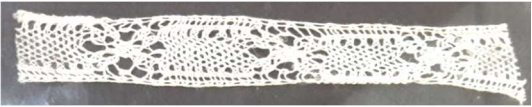
Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Quadro 26 - Nomenclatura desconhecida

07		
	Nomenclatura: não especificada	<p>Renda de Bilro [Artesanato manual]. Pontos mosca ou aranha, pano aberto e coentro. _ Alagoas. 23 pares de Bilros. 65mm.</p> <p>Peça de um tipo de renda de Bilros do acervo do NUPPO</p> <p>1.Renda de Bilros. 2. Cultura popular. 3. NUPPO. I. Título.</p>
	Origem: Maceió - Alagoas	
	Ponto: mosca ou aranha, pano aberto e coentro	
	Bilros: 23 pares	
	Descrição física: 60 mm	
	Linha: não especificada	
	Ano: não especificado	
Notas: não especificada		
O bico de renda apresenta borda com acabamento pontiagudo, fazendo uso do ponto mosca ou aranha em sincronia com a geometria delineada, sem especificações de linha, ano e notas.		


Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Quadro 27 - Renda pé de anjo

08		
	Nomenclatura: Pé de anjo	<p>Renda de Bilro [Artesanato manual]. Pé de anjo. Pontos cordão, carreira-inteira, meio-trocado e ponta de prata ou rabo de pato. _ Croatá / Pacajús. 14 pares de Bilros. 25mm.</p> <p>Peça de um tipo de renda de Bilros do acervo do NUPPO</p> <p>1.Renda de Bilros. 2. Cultura popular. 3. NUPPO. I. Título.</p>
	Origem: Croatá / Pacajús	
	Ponto: Cordão, carreira-inteira, meio-trocado e ponta de prata ou rabo de pato	
	Bilros: 14 pares	
	Descrição física: 25mm	
	Linha: Singer nº 30, meada esterlina nº 8	
	Ano: não especificado	
Notas: não especificada		
Entremeio de renda realçado pelo ponto cordão e pétalas em meio ao ponto meio-trocado, não especificando ano e notas.		


Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Quadro 28 - Renda quatro dados

		
09	Nomenclatura: quatro dados	<p>Renda de Bilro [Artesanato manual]. Quatro dados. Pontos carreira e dado. _ Alagoas. 10 pares de Bilros. 18mm. Singer nº 30</p> <p>Peça de um tipo de renda de Bilros do acervo do NUPPO</p> <p>1.Renda de Bilros. 2. Cultura popular. 3. NUPPO. I. Título.</p>
	Origem: Ceará - Alagoas	
	Ponto: carreira e dado	
	Bilros: 10 pares	
	Descrição física: 18mm	
	Linha: Singer nº 30	
	Ano: não especificado	
	Notas: não especificada	
<p>O entremeio de renda apresenta apenas dois pontos, sendo o dado, o ponto a realçar, sem especificações de ano e notas em sua descrição.</p>		


Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Quadro 29 - Renda miolo ou coroinha

		
10	Nomenclatura: miolo ou coroinha	<p>Renda de Bilro [Artesanato manual]. Miolo ou coroinha. Pontos traça, trança e trocado. _ Alagoas, 1948. 13 pares de Bilros. 25mm.</p> <p>Peça de um tipo de renda de Bilros do acervo do NUPPO</p> <p>1.Renda de Bilros. 2. Cultura popular. 3. NUPPO. I. Título.</p>
	Origem: Ceará - Alagoas	
	Ponto: Traça, trança e trocado	
	Bilros: 13 pares	
	Descrição física: 25 mm	
	Linha: não especificada	
	Ano: 1948	
	Notas: não especificada	
<p>O entremeio apresenta trama sob o formato circular, não havendo descrição da linha utilizada e notas.</p>		


Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Quadro 30 - Renda bico do A

11		
	Nomenclatura: bico do A	<p>Renda de Bilro [Artesanato manual]. Bico do A. Pontos traça, trança e picot. _ Esplanada/Bahia. 10 pares de Bilros. 22mm.</p> <p>Peça de um tipo de renda de Bilros do acervo do NUPPO</p> <p>1.Renda de Bilros. 2. Cultura popular. 3. NUPPO. I. Título.</p>
	Origem: Esplanada - Bahia	
	Ponto: traça, trança, picot	
	Bilros: 10 pares	
	Descrição física: 22 mm	
	Linha: não especificada	
	Ano: não especificado	
	Notas: não especificada	
A nomenclatura da renda está associada à letra “A” invertida, e apresenta formato pontiagudo e trama aberta realçada pelo ponto traça. Não estando especificados a linha, o ano e as notas.		

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Quadro 31 - Nomenclatura desconhecida

12		
	Nomenclatura: não especificada	<p>Renda de Bilro [Artesanato manual]. Pontos traça, trança, ponto aberto. _ Alagoas, 1946. 13 pares de Bilros. 70mm.</p> <p>Peça de um tipo de renda de Bilros do acervo do NUPPO</p> <p>1.Renda de Bilros. 2. Cultura popular. 3. NUPPO. I. Título.</p>
	Origem: Maceió, Alagoas	
	Ponto: traça, trança, pano aberto	
	Bilros: não especificados	
	Descrição física: 70mm	
	Linha: não especificada	
	Ano: 1946	
Notas: não especificada		
O entremeio e o bico de renda são diferenciados apenas pela borda apresentada no bico, sendo complementares uma da outra		


Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Quadro 32 - Nomenclatura desconhecida

13		
	Nomenclatura: não especificada	<p>Renda de Bilro [Artesanato manual]. Pontos trocado, cordão. _ Alagoas. 8 pares de Bilros. 10mm.</p> <p>Peça de um tipo de renda de Bilros do acervo do NUPPO</p> <p>1.Renda de Bilros. 2. Cultura popular. 3. NUPPO. I. Título.</p>
	Origem: Maceió / Alagoas	
	Ponto: Trocado, cordão	
	Bilros: 8 pares	
	Descrição física: 10mm	
	Linha: não especificada	
	Ano: não especificada	
	Notas: não especificada	
O entremeio de renda apresenta sincronia na trama aberta e fechada, realçada pelo ponto cordão, sem especificações de nomenclatura, linha, ano e notas.		


Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Quadro 33 - Renda galo doido

14		
	Nomenclatura: Galo doido	<p>Renda de Bilro [Artesanato manual]. Galo doido. Pontos carreira, pano fechado. _ Cascavel. 7 pares de Bilros. 19mm. Linha: novelo Alexanders nº 60.</p> <p>Peça de um tipo de renda de Bilros do acervo do NUPPO</p> <p>1.Renda de Bilros. 2. Cultura popular. 3. NUPPO. I. Título.</p>
	Origem: Cascavel	
	Ponto: carreira, pano fechado	
	Bilros: 7 pares	
	Descrição física: 19 mm	
	Linha: novelo Alexanders nº 60	
	Ano: não especificado	
	Notas: confeccionado por uma criança de 11 anos	
O bico de renda confeccionado com linha fina tornou o bico delicado, não possuindo descrição de ano.		


Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Quadro 34 - Nomenclatura desconhecida

15		
	Nomenclatura: não especificada	<p>Renda de Bilro [Artesanato manual]. Pontos carreira, cordão. _ Ceará. 9 pares de Bilros. 13mm. Linha: novelo Alexanders nº 60, meada esterlina nº 20.</p> <p>Peça de um tipo de renda de Bilros do acervo do NUPPO</p> <p>1. Renda de Bilros. 2. Cultura popular. 3. NUPPO. I. Título.</p>
	Origem: Ceará	
	Ponto: carreira, cordão	
	Bilros: 9 pares	
	Descrição física: 13 mm	
	Linha: novelo Alexanders nº 60 e meada esterlina nº 20	
	Ano: não especificado	
	Notas: não especificada	
O bico de renda apresenta o ponto cordão realçado pela linha mais espessa, não especificando nomenclatura, ano e notas.		

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Quadro 35 - Renda miss

16		
	Nomenclatura: Miss	<p>Renda de Bilro [Artesanato manual]. Miss. Pontos traça, trança, trinco (ponto de espinho), pano meio-trocado. _ Ceará. 34 pares de Bilros. 19mm. Linha: Singer nº 30.</p> <p>Peça de um tipo de renda de Bilros do acervo do NUPPO</p> <p>1. Renda de Bilros. 2. Cultura popular. 3. NUPPO. I. Título.</p>
	Origem: Ceará	
	Ponto: traça, trança, trinco (ponto de espinho), pano meio-trocado	
	Bilros: 34 pares	
	Descrição física: 19 mm	
	Linha: Singer nº 30	
	Ano: não especificado	
	Notas: peça danificada em suas laterais	
O entremeio de renda apresenta o ponto traça como padrão, não possuindo descrição de ano e notas.		

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

10 TECENDO ANÁLISES DAS TRAMAS DAS RENDAS DE BILROS

A descrição das Rendas de Bilros citadas advém desde o ano de 1948, adquiridos mediante informações cedidas a partir de pesquisas desenvolvidas na época, vivência das rendeiras e registros de pesquisadores e admiradores da arte de fazer a renda.

A descrição dos dados das rendas foi extraída de diversas fontes pesquisadas. Dentre os autores pesquisados estão Girão, Valdelice Carneiro. **Renda de Bilros** (2013); MAIA, Isa. **O artesanato da renda no Brasil** (1980) e RAMOS, Luiza; Ramos, Arthur. **A renda de bilros e sua aculturação no Brasil** (1948). Utilizou-se também a **Coleção Luiza Ramos** de Rendas de Bilros e o **catálogo** de Renda de Bilros elaborado por Valdelice Carneiro Girão em 1963, composto por uma gama de peças de Rendas de Bilros referenciando a cultura da arte de tecer renda.

Mediante as fontes pesquisadas, as Rendas de Bilros e os Entremeios de Rendas de Bilros selecionados, não faz constar todos os dados e apresenta a informação “não identificado(a)”. Cada autor apresenta suas classificações e nomenclatura da região estudada, portanto, a definição dos pontos podem apresentar definições diferentes entre si. A Revista Brasileira de Folclore (1963) especifica origem, largura, nomenclatura, pontos, linhas e bilros utilizados; Girão (2013) descreve apenas os pontos e Isa Maia define região e pontos.

Destacam-se como fontes orais: Maria Celeste Liberal Aquino que absorveu riqueza de conhecimento gerada pelos anos de trabalho e dedicação ao ambiente do NUPPO, com vivência de trabalho que retrata lembranças visuais capazes de compor com informações em paralelo aos documentos físicos acerca da doação das Rendas de Bilros e a Professora Doutora Beliza Áurea de Arruda Mello com informações acerca da origem das Rendas de Bilros, seu progresso e informações gerais que foram significativas na identificação das rendas.

A catalogação segundo o código Anglo-American Cataloguing Rules 2 (AACR2), foi realizado da forma mais compreensível, tendo em vista que as áreas e os pontos de acesso são bastante diferentes das áreas de documentos impressos e que tem dados precisos e de fácil identificação.

Como nenhum objeto catalogado tinha o nome da rendeira que confeccionou, foi então adaptado segundo o AACR2 iniciando pela **Designação Específica** e em seguida pela **Designação Genérica** de cada peça de Renda de Bilros. Os outros dados seguiram conforme as áreas estabelecidas. Os dados coletados especificam nomenclatura, origem, tipos de pontos, quantidade de bilros utilizados para a confecção de cada peça, descrição física da largura,

linha utilizada, ano de fabricação, notas sobre o estado físico em que se encontra e informações adicionais relevantes. Não tendo sido possível em nenhuma amostra, afirmar a real origem local de aquisição sobre cada peça por falta de registro documental à época, embora o registro oral da doação das 92 peças tenha sido vivenciado.

As rendas de Bilros são expressões materiais da cultura popular e por conseguinte de difícil identificação, pois as rendeiras confeccionam sem a preocupação de registrar o seu produto para que sejam organizadas e recuperadas.

Para recuperar a história do acervo das rendas de Bilros do NUPPO, foram essenciais a entrevista pois trouxe para a pesquisa riqueza de história e sentimento de amor pelas rendas a partir do prazer em falar sobre as rendas e o fato do fortalecimento de pesquisas no NUPPO.

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa tece as tramas entre linhas e fios das Rendas de Bilros, e traz para a investigação o acervo das Rendas de Bilros do NUPPO/UFPB.

A arte manual de confeccionar as Rendas de Bilros é milenar e pode-se verificar com o discorrer desta pesquisa que na Europa este tipo de renda assume um lugar essencial na história da cultura das artes manuais. As bordadeiras inicialmente limitavam-se às áreas costeiras e colônias de pescadores, no entanto, ao longo dos tempos se propagaram em classes de alta sociedade, em várias regiões. No entanto, pelo desinteresse cultural de preservar esta arte, as Rendas de Bilros por serem artesanais não alcançam um lugar preponderante na história da cultura popular.

A tradição da arte da Renda de Bilros no Brasil advém das rendeiras portuguesas que se agregaram ao povoado brasileiro, dessa forma, existem muitas semelhanças na forma como confeccionar e nos seus acessórios.

Apesar de a temática ser difícil de encontrar na literatura brasileira, pode-se expor nesta pesquisa uma riqueza de detalhes, graças ao livro *A Renda de Bilros e sua aculturação no Brasil* de Luiza Ramos e Arthur Ramos (1948), disponibilizado pelo NUPPO.

A desvalorização das Rendas de Bilros tem várias ramificações, uma delas é a própria exclusão da cultura popular pela própria história. O fato do desenvolvimento industrial e tecnológico, também trouxe um desinteresse por esta arte, visto que bicos parecidos e produzidos em larga escala pela indústria têxtil são inseridos no mercado a valores muito mais baixos do que a arte manual. Mesmo em regiões onde as rendeiras ainda resistem em produzir as rendas de Bilros, ocorre a inserção do intermediário que compra por um valor baixo as rendeiras e revendem a preços altos no mercado internacional, ficando as rendeiras desestimuladas a produzir ainda mais suas rendas, visto que seu processo de confecção demanda tempo.

A riqueza de variações das rendas de acordo com região e cultura faz com que exista a necessidade de preservar a memória da cultura de um povo e a organização e a representação são os instrumentos essenciais para tal fator.

Foi verificado que a falta de um profissional da área da biblioteconomia que tenha a visão da preservação do patrimônio a partir da representação dos dados com fins de recuperação, fez com que o acervo das rendas de Bilros ficasse durante todos esses anos sem nenhuma identificação, servindo apenas como peça de exposição.

Dessa forma a representação descritiva do acervo das rendas de Bilros do NUPPO, proporcionará a universidade a disseminação de uma cultura milenar e que merece destaque enquanto fonte de memória e preservação do seu patrimônio.

Esta pesquisa não limitar-se-á apenas a realização do TCC, mas irá construir um produto físico que é a criação de uma biblioteca digital das Rendas de Bilros como forma de promover e disseminar este artesanato da cultura popular, além de fortalecer enquanto documento de diagnóstico para possíveis solicitações aos gestores da UFPB, com relação a melhorias em aquisições de materiais para a conservação das Rendas enquanto patrimônio da Universidade.

Organizar e Representar descritivamente o conteúdo das rendas de Bilros não é tarefa das mais fáceis, pois deve-se conhecer as especialidades de cada ponto confeccionado, além de envolver todo um contexto cultural acerca de sua confecção. É uma atividade manual realizada geralmente por rendeiras com limitações informacionais e de entendimento sobre a importância de sua atividade cujo aprendizado dá-se pela leitura visual aplicada a partir do ponto mais simples ao mais complexo conforme aquisição prática.

Os códigos de catalogação existentes não trazem modelos que considerem representar com a riqueza de detalhes que existem as rendas. Dessa forma, esta pesquisa ao representar descritivamente as Rendas de Bilros foi além dos padrões de catalogação, buscando informações de pesquisadores e conhecedores da arte de bordar como ação da cultura popular.

A temática é instigante e inovadora, podendo ser expandida com outras pesquisas e abordagens diferentes, porém é bastante expansiva, pouco explorada e divulgada, de grande valor histórico e bagagem informacional precária. É uma arte bela de tramas detalhadas e singulares que perpassam em técnicas de geração a geração às crianças sem reconhecimento comercial significativo, visto que seu aprendizado e confecção dependem de dedicação e concentração.

REFERÊNCIAS

- BRIET, Suzanne. **Quest-ce que la documentation?** Paris: Editions Documentaires, Industrielles et Techniques, 1951. 48 p.
- CANCLINI, N. **Culturas híbridas.** São Paulo, Edusp, 1989.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- Girão, Valdelice Carneiro. **Renda de Bilros.** Fortaleza: Edições UFC, 1984. 448p.
- Girão, Valdelice Carneiro. **Renda de Bilros.** Fortaleza: Instituto do Ceará, 2013. 267p. : il. Disponível em: https://issuu.com/belrocha/docs/rendas_de_bilros_layout
- HJORLAND, B. **What is knowledge organization (KO)?** Disponível em: <http://www.db.dk/bh/lifeoatko/knowledge_organization>. Acesso em: 05 mar. 2017.
- KOBASHI, Nair Yumiko. Análise documentária e representação da informação. Informare, Rio de Janeiro, v.2, n. 2, 1996.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 1986. p. 238.
- LE COADIC, Y.F. **A ciência da informação.** E. ed. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2004.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória.** 5. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.
- MAIA, Isa. **O artesanato da renda no Brasil.** João Pessoa, Editora universitária – UFPB, 1980. 132p.
- McGARRY, K. **O conceito dinâmico da informação: uma análise introdutória.** Brasília: Briquet de Lemos, 1999.
- MEY, Eliane Serrão Alves. **Introdução à catalogação.** Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 1995. 123 p
- NASCIMENTO, Dinalva Melo do. **Metodologia do trabalho científico: teoria e prática.** Rio de Janeiro: Forense, 2002. p. 190.
- NUPPO. **Núcleo de pesquisa e documentação da cultura popular.** Disponível em: <<http://nuppoufpb.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 05 dez. 2015.
- _____. **História do NUPPO.** Disponível em: <<https://coexblog.wordpress.com/2016/06/07/historia-do-nuppo/>>. Acesso em: 05 dez. 2015.
- OLIVER, Chris. **Introdução à RDA: um guia básico.** Brinquet Lemos. Brasília DF: Brinquet de Lemos/Livros, 2011.153 p.

RAMOS, Luiza; Ramos, Arthur. **A renda de bilros e sua aculturação no Brasil**: nota preliminar e roteiro de pesquisas. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia, 1948. 77p.

_____. **Revista Brasileira de Folclore**. Rio de Janeiro: CDFB / MEC, v. 3, nº 6, maio / ago. 1963.

SILVA, Oscar Américo da. **AACR2 e RDA: mudanças e estimativas para Biblioteca Nacional**. Florianópolis, 2013. 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, 2013.

APÊNDICE A - Solicitação do uso de imagens das Rendas de Bilros do NUPPO - UFPB



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

Prezada Coordenadora do Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultural Popular (NUPPO) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Profª. Dra. Beliza Áurea de Arruda Melo

Em função do desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado: **Tecendo e descortinando o entrelaçamento das linhas e fios da arte das Rendas de Bilros do acervo do NUPPO/UFPB**, que tem como objetivo a realização de uma biblioteca virtual das Rendas de Bilros do NUPPO, sob a orientação da Profa. Me. Ediane Toscano Galdino de Carvalho. Venho solicitar sua colaboração para utilizar as imagens das rendas de Bilros existentes no NUPPO.

Vale salientar que a pesquisa contribuirá para a visibilidade das rendas de Bilros, como também do próprio NUPPO, perante os pesquisadores da Cultura Popular.

Agradecemos antecipadamente sua colaboração,

João Pessoa, 24 de março de 2017.

Geane Mary de Souza Veríssimo.

Geane Mary de Souza Veríssimo.

Matrícula 11213702

APÊNDICE B - Solicitação de entrevista**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

Prezado (a) Colaborador(a)

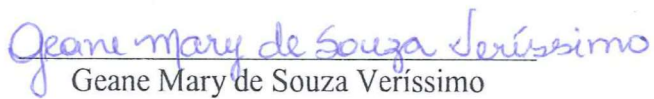
Solicitamos a sua colaboração, no sentido de responder esta entrevista que tem como objetivo ser parte integrante de uma pesquisa acadêmica, propondo a realização de uma pesquisa sobre as Rendas de Bilros do NUPPO.

A entrevista é uma coleta de dados, referente ao Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) do curso de Biblioteconomia da UFPB da aluna Geane Mary de Souza Veríssimo, sob a orientação da Professora Ms. Ediane Toscano Galdino de Carvalho, docente do Departamento de Ciência da Informação.

Informamos que os dados coletados serão utilizados apenas para fins acadêmicos, sendo reservado aos respondentes o direito do anonimato.

Agradecemos antecipadamente e contamos com a sua colaboração.

João Pessoa, 10 de maio de 2017.


Geane Mary de Souza Verissimo

APÊNDICE C - Entrevista

- 1 Quanto tempo faz que você trabalha no NUPPO?
- 2 Em que ano e de que forma foi adquirido o acervo das Rendas de Bilros no NUPPO?
- 3 Qual a forma de aquisição?
- 4 As rendas adquiridas desde o início, continuam todas ainda no acervo?
- 5 Existe registro documental referente a dados descritivos das rendas do acervo?
- 7 Existe inventário do acervo das Rendas de Bilros?
- 8 O NUPPO dispõe dos demais materiais para a confecção das Rendas de Bilros? Se sim, identifique.
- 9 Que informações pode acrescentar às peças de Rendas de Bilros expostas?